UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

MARIA GORETTE DE BRITO SILVA

O AFINADOR DE SILÊNCIOS: MEMÓRIA E ESQUECIMENTO EM "ANTES DE NASCER O MUNDO", DE MIA COUTO

CAMPINA GRANDE – PB
2015

MARIA GORETTE DE BRITO SILVA

O AFINADOR DE SILÊNCIOS: MEMÓRIA E ESQUECIMENTO EM "ANTES DE NASCER O MUNDO", DE MIA COUTO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba, área de concentração Literatura e Estudos Culturais, na linha de pesquisa Literatura, Memória e Estudos Culturais, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Francisca Zuleide Duarte de Souza

CAMPINA GRANDE - PB

2015

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletr
Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde
reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586a Silva, Maria Gorette de Brito
O afinador de silêncios [manuscrito] : memória e esquecimento em "Antes de nascer o mundo", de Mia Couto / Maria Gorette de Brito Silva. - 2015.
94 p.

Digitado.
Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2015.
"Orientação: Profa. Dra. Zuleide Francisca Duarte de Souza, Departamento de Letras".

1. Análise Literária 2. Romance 3. Memória 4. Esquecimento 5. Pós-colonização I. Título.
21. ed. CDD 801.95

MARIA GORETTE DE BRITO SILVA

O AFINADOR DE SILÊNCIOS: MEMÓRIA E ESQUECIMENTO EM "ANTES DE NASCER O MUNDO", DE MIA COUTO

Aprovada em 27 de Março de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Francisca Zuleide Duarte de Souza

Profa. Dra. Francisca Zuleide Duarte de Souza- UEPB

Orientadora

RABezerra

Profa. Dra. Rosilda Alves Bezerra- UEPB

Examinadora

Valdenides Cabral de Araújo Dias

Profa. Dra. Valdenides Cabral de Araújo Dias- UFRN

Examinadora

Para Papai, Mamãe, Marquinhos,
Juninho, Carol, Samara e Laura.

AGRADECIMENTOS

Ao Deus da Bíblia Sagrada, a quem eu sirvo; que preparou uma mesa para mim na presença dos meus inimigos e ungiu a minha cabeça com óleo.

Aos meus pais que não se deixam esquecer e à família que é a base de tudo.

À Professora Zuleide, pela orientação; pela confiança creditada; pelo valioso apoio bibliográfico; pela preocupação sincera; e, principalmente, pelo carinho dispensado a mim.

Aos Professores Linduarte, Rosilda, Valdenides e Diógenes pela leitura atenta e sugestões por ocasião do exame de qualificação e de defesa deste trabalho.

A todos os professores do PPGLI, pelos conhecimentos partilhados.

À Ana Cândida Duarte de Souza, pelo valioso apoio e preocupação sincera.

À princesa Samara Letícia Chaves de Brito que torna os meus dias mais felizes e esperançosos.

Aos amigos Moisés Galvão e Cida, pela amizade sincera e por ter aberto as portas de suas casas para mim.

Ao amigo Júnior Rodrigues, pelas discussões partilhadas, pela disponibilidade e apoio sincero.

A Fábio Gomes, pela amizade sincera, por dividir comigo angústias e sonhos.

Ao amigo Herbert Roberto, pelas viagens e esforço partilhados.

Aos alunos da Escola São Francisco de Assis.

Aos que acreditam em mim.

Salmo 23

O Senhor é o meu pastor, nada me faltará.
Deitar-me faz em verdes pastos,
guia-me mansamente a águas tranqüilas.
Refrigera a minha alma;
guia-me pelas veredas da justiça,
por amor do seu nome.
Ainda que eu andasse pelo vale da sombra da morte,
não temeria mal algum, porque tu estás comigo;
a tua vara e o teu cajado me consolam.
Preparas uma mesa perante mim na presença dos meus inimigos,
unges a minha cabeça com óleo, o meu cálice transborda.
Certamente que a bondade e a misericórdia
me seguirão todos os dias da minha vida;
e habitarei na casa do Senhor por longos dias.

Identidade (Mia Couto)

Preciso ser um outro
para ser eu mesmo
Sou grão de rocha
Sou o vento que a desgasta
Sou pólen sem insecto
Sou areia sustentando
o sexo das árvores
Existo onde me desconheço
aguardando pelo meu passado
ansiando a esperança do futuro
No mundo que combato morro
no mundo por que luto nasço

(À memória de Luiz Paulo de Carvalho Ferreira)

RESUMO

O objetivo da pesquisa é observar as questões de memória e esquecimento no romance *Jesusalém*, traduzido no Brasil como *Antes de Nascero mundo*, de Mia Couto, tomando como principal orientação o discurso de um de seus narradores: Mwanito. O contexto histórico em que a obra de Mia Couto se insere é eivado das marcas da pós-colonização e seus efeitos não menos perversos, em alguns casos, permitindo desenhar o perfil do narrador-personagem, representante do "herói épico moderno" e ao mesmo tempo trazendo os mesmos ressentimentos dos exilados de outrora. O trauma ocasionado pelo banimento não se tornou menos danoso. Exilado apenas com homens, afinando silêncios para apagar a memória, o personagem tenta colher testemunhos para se lembrar da mãe e reinventar sua história. A análise baseou-se, teoricamente, nos estudos multidisciplinares de: Márcio Seligmann-Silva, Jacques Le Goff, Harald Weinrich, Julia Kristeva, Maria José Queiroz, Zuleide Duarte, Beatriz Sarlo e Maurice Halbwachs, entre outros.

Palavras-chave: Pós-colonização. Exílio. Memória. Esquecimento. Mia Couto.

ABSTRACT

The objective of the research is to observe the memory and forgetting issues in the Mia Couto´s novel *Jesusalém*, translated in Brazil as *Antes de Nascer o Mundo*, taking as main direction the speech of one of his narrators: Mwanito. The historical context in which the work of Mia Couto is located is riddled post-colonization marks and their non less perverse effects, in some cases, allowing draw the profile of the narrator-character, representative of "modern epic hero" and at the same time bringing the same resentment of the old exiled. The trauma caused by the ban has not become less harmful. Exiled only with men, tapering silences to clear the memory, the character tries to gather testimonies to remember the mother and reinvent its history. The analysis was theoretically based on in multidisciplinary studies: MárcioSeligmann-Silva, Jacques Le Goff, Harald Weinrich, Julia Kristeva, Maria José Queiroz, Zuleide Duarte, Beatriz Sarlo and Maurice Halbwachs, among others.

Keywords:Post-colonization. Exile. Memory. Forgetfulness. Mia Couto.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....10

1.0-OS PERCURSOS DA MEMÓRIA E DO ESQUECIMENTO NA LITERATURA...13

1.1- MEMÓRIA, PÓS-COLONIZAÇÃO E EXÍLIO NA FICÇÃO DE MIA COUTO.....18

2.0- AFINANDO SONS E ENGOLINDO NOTAS: A SUSPENSÃO DA MEMÓRIA...42

2.1-“SILVESTRE VITALÍCIO”: PAI, ALGOZ, ESTADO E DEUS.....42

2.2-APAGANDO NOMES, HISTÓRIAS E EXISTÊNCIAS.....56

3.0- ALINHANDO SONS: A HISTÓRIA COMO UM MOSAICO.....73

3.1-RECORTES DO PASSADO: OS TESTEMUNHOS, OS SONHOS E OS REGISTROS.....74

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....88

REFERÊNCIAS.....95

INTRODUÇÃO

Porventura pode uma mulher esquecer-se
tanto de seu filho que cria, que não se
compadeça dele, do filho do seu ventre?
Mas ainda que esta se esquecesse
dele, contudo eu não me esquecerei de ti.
Eis que nas palmas das minhas mãos
eu te gravei; os teus muros
estão continuamente diante de mim.

(ISAÍAS 49:15-16)

O presente estudo tem o objetivo de apresentar o resultado de uma pesquisa que se voltou para as questões de memória e esquecimento no romance *Jesusalém*, publicado no Brasil como *Antes de Nascer o mundo*, de Mia Couto, tomando como principal orientação o discurso de um de seus narradores: Mwanito.

O contexto histórico em que a obra de Mia Couto se insere é eivado das marcas da pós-colonização e seus efeitos não menos perversos, em alguns casos permitindo desenhar o perfil do narrador-personagem, representante do "herói épico moderno" e, ao mesmo tempo, traz os mesmos ressentimentos dos exilados de outrora. O trauma ocasionado pelo banimento não se tornou menos danoso.

Partindo das discussões de memória e esquecimento no ato de contar, tais como estudadas por Marcio Seligmann-Silva em *Catástrofe e Representação*(2000),observamos o efeito do evento traumático na ressignificação do testemunho e na forma de contar a história. Essas discussões reunidas pelo escritor apresentam o esquecimento como sinônimo da lembrança representado em tantas obras na nossa cultura, principalmente, na segunda metade do século vinte.

Em interlocução com Seligmann-Silva (2000), Jacques Le Goff em *Memória e História* (1996), discorre sobre os aspectos referentes às formas de registrar a memória nas sociedades antigas, numa perspectiva patrimonial, regidas pelo judaísmo e cristianismo que utilizavam a memória como contrato de fé entre Deus e os homens.

Aplicamos também as ideias de Harald Weinrich (2001), em *Lete- A arte do esquecimento,* que discorre sobre as questões de obliteramento nas sociedades antigas numa perspectiva legendária. Através do mitológico rio Lete e da história cultural desse fenômeno, o escritor estuda como o homem lida com o esquecimento,

investigando-o em diversos aspectos da sociedade ocidental: na literatura, na filosofia, na história e, principalmente, na mitologia.

Recorremos a Beatriz Sarlo em *Tempo Presente: notas sobre a mudança e uma cultura* (2005)para refletir sobre o presente e o passado no contexto contemporâneo por meio de paisagens reais e imaginárias da culturapara perceber de que formas o presente assume a história.

Após fomentarmos a revisão bibliográfica acerca das principais teorias aqui adotadas, iniciaremos a análiseapresentando uma leitura do tema da memória e do esquecimento, considerando sua recorrência nas obras de diferentes escritores e contextos histórico-sociais. Observamos a condição do exilado por meio das reflexões de Julia Kristeva, Maria José Queiroz e Zuleide Duarte e das discussões de Márcio Seligmann-Silva. Os autores discorrem sobre a postura de pessoas que passaram por eventos traumáticos e empreenderam a viagem sem volta a um lugar de não pertencimento, a um palco de exílio, voluntário ou não.

Observamos como Mia Couto revela as marcas da colonização na sua literatura, bem como a recorrência dos temas memória e esquecimento, principalmente no discurso dos personagens, na relação entre Mwanito e seu pai e nas descrições de cenas.

No segundo capítulo, verificamos as estratégias utilizadas por Silvestre Vitalício para fazer sua família esquecer o passado. Esse “esquecimento” é marcado no romance a partir da tentativa de apagamento dos registros e da suspensão de todas as práticas sociais a fim de suprimir a memória. Ainda, nesse capítulo, identificamos os motivos que levaram Silvestre Vitalício a exilar sua família.

No terceiro capítulo, iremos investigar os mecanismos mnemônicos utilizados por Mwanito para relembrar uma parte de sua memória e legitimar seu passado. Durante o confinamento, o menino conseguiu reunir pistas que ativaram sua memória e tornaram possível a legitimação de um passado, mesmo que “reinventado”.

Para observar esse processo de recuperação da memória de Mwanito, recorremos aos estudos de Maurice Halbwachs (1990)sobre Memória Individual e Coletivaparaenfatizar a importância do testemunho do outro para arecuperação de reminiscências, imagens e lembranças, resultando na constituição da memória.

Três eventos importantes propiciaram a ativação da memória de Mwanito: o contato com o rio, a descoberta da escrita e o encontro com a portuguesa Marta. Apesar das estratégias utilizadas por Vitalício para apagar a memória de Mwanito, o menino conseguiu ressignificar sua história. Postura essa que representa o povo moçambicano após a guerra que tenta se inserir no contexto pós-colonial, mas não consegue esquecer sua ancestralidade.

O romance *Jesusalém*é a metáfora que representa o anseio humano diante do trauma, da perda, da dor. É também a tentativa de reconstruir a história. Épica moderna que resgata trajetórias e angústias de um herói-menino que sonha com a liberdade, porém sente falta do exílio.

1.0-OS PERCURSOS DA MEMÓRIA E DO ESQUECIMENTO NA LITERATURA

> Por isso não os confundo com outros mortos.
> Porque eles vêm e vão mas não partem
> Eles vêm e vão mas não morrem.
> Permanecem e passeiam com passos tristes
> que assombram a lama dos quintais
> e arrastam a indignidade da sua vida e sua morte
> pelo ermo dos caminhos com um peso de grilhões.
> (LIMA, 2004)

A temática da memória e do esquecimento é recorrente nas ciências humanas e, mais especificamente, na literatura desde a Antiguidade. A narrativa bíblica é exemplo disso. Em alguns episódios bíblicos, a memória representa um "contrato", artifício para ligar o homem a "Deus". Os homens prestam culto a Deus a fim de não esquecerem o compromisso de fé que têm com ele e de não serem esquecidos e punidos. No Velho Testamento, há o episódio do dilúvio, quando Deus firma um pacto com Noé, afirmando que a terra não iria ser mais destruída com água.

> E disse Deus: Este é o sinal do pacto que firmo entre mim e vós e todo ser vivente que está convosco, por gerações perpétuas: E o meu arco tenho posto nas nuvens; este será por sinal da aliança entre mim e a terra. (GÊNESIS 9: 12-13)

No Novo Testamento, outro tipo de contrato envolve a lembrança, a memória. Na última ceia, Jesus Cristo teria dado a seguinte ordem aos discípulos: "[...] isto é o meu corpo que é dado por vós. Fazei isto em memória de mim". (LUCAS 22:19)

Entretanto, de todos os exemplos bíblicos que falam de memória na tentativa de ligar o humano e o divino, o mais relevante se encontra no livro de Deuteronômio. Essa afirmação foi feita por Le Goff (2010). Ao estudar a memória, mais especificamente a memória medieval no Ocidente, ele considera a memória coletiva objeto de grandes transformações na Idade Média. Essas mudanças vieram com a difusão do cristianismo como religião e ideologia dominante. Segundo Jacques Le Goff, o judaísmo e o cristianismo são denominados "religiões da recordação" porque os

> [...] atos divinos de salvação, situados no passado formam o conteúdo da fé e do objeto de culto, mas também porque o livro sagrado, por um lado, a tradição histórica, por outro, insistem, em alguns aspectos essenciais, na necessidade da lembrança como tarefa religiosa fundamental. (LEGOFF, 2010, p. 438)

O teórico atribui ao livro de Deuteronômio a nomenclatura de "Livro das Memórias" porque, segundo ele, é onde mais se invoca o compromisso dos humanos com Deus no texto bíblico. "No Antigo Testamento é, sobretudo, o *Deuteronômio* que apela para o dever da recordação e da memória constituinte. Memória que é antes de mais nada um reconhecimento de Javé, memória fundadora da identidade judaica." (LE GOFF, 2010,p.438)

Na mitologia grega, o tema da memória e do esquecimento é representado por Mnemosyne, deusa que representa a memória e o rio Lete - "rio do esquecimento". O teórico Weinrich (2001) analisa a perspectiva de esquecimento do mito grego "Lete", rio do submundo detentor do poder de apagar as lembranças de todos que bebessem de suas águas.

Ainda de acordo com Weinrich (2001, p. 24), a divindade "Letes" formava um par com Mnemosyne, divindade da memória e da lírica. Evocada nas epopeias, a memória, musa da narrativa, habitaria próximo de Apolo, o deus do sol; em oposição, Letes seria a musa da noite. As duas deusas recebiam cultos e sacrifícios dos mortais. A deusa Letes seria muito procurada por proporcionar o esquecimento das dores e desgraças, necessidade humana em olvidar o sofrimento para se ocupar com situações mais prazerosas.

O esquecimento é também tema importante na literatura. Por causa dele, na *Odisseia,* Ulisses ou Odisseu foi impossibilitado de regressar para Ítaca, conhecendo, assim, os comedores de lótus, o feitiço de Circe e os encantos da ninfa Calipso. Semelhante às águas do rio Lete, a flor de lótus, na epopeia de Homero, também tinha o poder do esquecimento consigo. Era uma fruta doce, consumida na ilha dos lotófagos. Seu poder de provocar o olvidamento fez com que os enviados do Odisseu se esquecessem da pátria e da missão de conhecer o território para verificar se os habitantes eram cordiais.

No palácio de Circe, os visitantes consumiam "escândea e queijo com Pamneio vinho/ mistura e fresco mel, poção lhe ajunta/ que deslembra da pátria" (HOMERO, 2008, p. 192). Odisseu ficou um ano na companhia da feiticeira. De

acordo com Weinrich (2001, p. 37), “o amor é a mais eficaz droga do esquecimento”. Por amor, Odisseu se esqueceu de retornar à sua pátria por sete anos, vivendo com Calipso. Ao decidir retornar, Ulisses foi surpreendido pela proposta da ninfa de transformá-lo em um deus por meio da ingestão do néctar e da ambrosia. Por esse artifício, o heroi esqueceria todas as coisas terrenas, principalmente sua esposa Penélope e sua pátria Ítaca. Circe e Calipso auxiliaram Ulisses na retomada da viagem, quando o heroi decidiu ir embora. Circe falou que sereias poderiam distrair a tripulação e Calipso ofereceu uma jangada e forneceu mantimentos para a viagem.

A epopeia representa uma peleja entre as forças da memória e do esquecimento. Na mitologia, além das águas do rio e das frutas que favoreciam o esquecimento, outro “alimento” em destaque é o vinho. Weinrich (2001, p. 39) cita versos do poema *A festa do vinho* no episódio da Guerra de Tróia: “bebe a bebida de alívio,/ e esquece a grande dor!/ magnífico é o perdão de Baco,/ bálsamo para o coração dilacerado”.

Na *Divina Comédia*, de Dante Alighieri, os vivos esqueceram os entes habitantes do Inferno pela ingestão de vinho. Isso era uma das piores condenações, como a *damnatiomemoriae*, condenação através da memória empregada em Roma que alcançava os poderosos que, por questões políticas ou por morte, eram considerados “inimigos do Estado”.

> Então os seus retratos eram destruídos, as estátuas derrubadas, seus nomes removidos das inscrições. Muitos dos seus decretos deixavam de valer da noite para o dia, de modo que nem esses testemunhos mais lembrassem aquela não-pessoa (WEINRICH, 2001, p. 59).

Na *Divina Comédia* a memória tem por função exaltar os atos dos seus ilustres habitantes no Paraíso. Existe um rio chamado Eunoë, cujo significado é boa memória. Diferente de Lete, esse rio estaria localizado no Paraíso e beneficiando as almas consideradas abençoadas com as recordações de suas boas ações antes da morte. No Purgatório, lembrar significa a possibilidade de salvação. Então, as almas lembradas por seus entes vivos receberão os ritos necessários para ingressarem no Paraíso. No Purgatório, Dante é contratado pelas almas para levar recados aos parentes vivos, assim, eles nunca esqueceriam os entes mortos. O poeta teria essa missão: evitar o esquecimento. Outra obra de Dante que tratou da memória foi *Vida nova,* dedicada a Beatrice, a amada do escritor, falecida ainda muito jovem.

A *Divina Comédia* tinha a função de impedir o esquecimento da musa do poeta italiano.

Weinrich (2001) traz a visão de Marcel Proust, autor de *Em busca do tempo perdido*(1913), obra em sete volumes na qual os fios condutores da narrativa são o tempo e a memória. Proust trabalha com a “memória involuntária”, onde o indivíduo não tem domínio das lembranças porque são evocadas por meio de acontecimentos aleatórios: um som, um aroma ou um sabor de um dado alimento trazendo reminiscências do mais profundo do inconsciente. “Essa memória não tenta mais invocar as lembranças através de um esforço da vontade, e também desiste de assegurá-las contra o esquecimento”. (WEINRICH, 2001, p. 208) Assim, baseando-sena mnemotécnica de Proust, Weinrich (2001, p.212)afirma:a memória involuntária assegura que a lembrança permanece esquecida até ser acionada por algum dos sentidos.

> (...) a memória involuntária pode trazer à luz do fundo desse abismo do esquecimento, sem controle de parte da razão e da força de vontade, coisas impressentidas que, purificadas de toda contingência pela longa duração do esquecimento. Weinrich (2001, p. 212)

A partir da segunda metade do século XIX, Machado de Assis narrou a memória da perspectiva de um morto, livre para contar segredos e conjecturar sobre a sociedade da época no romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. A literatura machadiana é caracterizada pelo discurso de um narrador de memória confusa que escolhe a ordem de narrar os fatos e apresenta lacunas na sua história. Além da história de Brás Cubas, osromances *Memorial de Aires* e *Dom Casmurro* também são exemplo disso. O discurso do personagem Bento Santiago (em *Dom Casmurro*) revela que lembrar é reviver: “vou deitar as reminiscências que vierem vindo. Deste modo, viverei o que vivi” (ASSIS, 1992, p. 15). O Conselheiro Aires representa, para muitos críticos, a figura do próprio autor, narrando de forma epistolar e com lacunas na memória as suas lembranças: “Vai vassouras! Vai espanadores!” Costumo ouvi-lo outras manhãs, mas desta vez trouxe-me à memória o dia desembarque, quando cheguei aposentado à minha terra, ao meu Catete, à minha língua.” (ASSIS, 1988, p.1097)

Graciliano Ramos também trabalhou a memória em suas narrativas. No romance *Angústia,* o narrador tenta reviver suas lembranças infantis. Segundo Antonio Candido (2006), essas lembranças são as mesmas do menino Graciliano Ramos projetado no romance *Infância*.

> [...] um dos traços mais constantes é o sentimento de humilhação e machucamento. Humilhação de menino fraco e tímido, maltratado pelos pais e extremamente sensível aos maus-tratos sofridos e presenciados. Por toda parte, recordações doídas de alguma injustiça, de alguma vitória descarada do forte sobre o fraco. (CANDIDO, 2006, p. 51)

Em *Memórias do cárcere,* o autor narra sua experiência na prisão e escreve o sofrimento dos seus companheiros. Por meio de uma narrativa crua, não inventada, Graciliano denuncia a dor e o sofrimento de homens esquecidos pela própria pátria:

> Resolvo-me a contar, depois de muita hesitação, casos passados há dez anos- e, antes de começar, digo que os motivos por que silenciei e por que me decido. Não conservo notas: algumas que tomei foram inutilizadas, e assim, com o decorrer do tempo, ia-me parecendo cada vez mais difícil, quase impossível, redigir essa narrativa. [...] Também me afligiu a idéia de jogar no papel criaturas vivas, sem disfarces, com os nomes que têm no registro civil. Repugnava-me deformá-las, dar-lhes pseudônimo, fazer do livro uma espécie de romance, mas teria eu o direito de utilizá-las em história presumidamente verdadeira? (RAMOS, 2008, p. 11)

A memória se apresenta na literatura com diversas funções, dentre elas, sua mais pertinente tarefa é registrar os fatos e anseios do homem frente ao contexto social do seu tempo. Os países que foram devastados pela guerra têm a literatura como estratagema de denúncia, mas também uma importante ferramenta para registrar e valorizar traços da sua cultura. Assim, a literatura se torna um projeto de recuperação e legitimação nacional.

A literatura africana contemporânea é cimentada por esse anseio de valorizar raízes. Aspectos da tradição e da modernidade, ou seja, o choque entre novo e velho estão bem pontuados na sua ficção. É nesse contexto que inserimos a obra de Mia Couto: registro de memórias coloniais e da guerra civil instalada no país por aproximadamente vinte anos.

1.1- MEMÓRIA, PÓS-COLONIZAÇÃO E EXÍLIO NA FICÇÃO DE MIA COUTO

A literatura registra anseios, ideias e denúncias de várias gerações e sociedades. Esse desiderato de registrar os fatos, acontecimentos de diferentes vozes, dá à literatura uma característica especial, quase patrimonial; a literatura se torna, assim, “memória viva”.

Musas não alcançadas, a dor no exílio e as narrativas memorialísticas são exemplos de que os atos de lembrar e esquecer permitem ao homem o exercício da reinvenção, da ressignificação da sua história. Seligmann-Silva (2003, p.388) afirma que “a literatura trabalha no campo mais denso da simultânea necessidade do lembrar-se e da sua impossibilidade; para ela não há uma mera oposição entre memória e esquecimento”.

Nesse sentido, percebemos a relação íntima dos atos de lembrar e de esquecer com os textos literários, principalmente, os textos que narram experiências de exílio. O romance*Jesusalém*é exemplo dessa ligação entre memória, esquecimento e literatura,pois apresenta o testemunho de uma criança exilada.

A reflexão entre literatura/memória/esquecimento na obra de Mia Couto se dá por meio do universo simbólico, temperado pelas questões da guerra e da história de Moçambique. Percebemos no romance, entre outras questões, a relação conflituosa entre Mwanito e seu pai e também algoz, uma metáfora da relação colonizador/colonizado. Silvestre Vitalício representa o colonizador que aprisiona e dita regras de acordo com suas conveniências. O menino representa o colonizado que foi arrancado de sua casa, impedido de viver em sociedade e teve sua história suspensa por alguns anos.

O registro da memória e a reflexão sobre a importância de ressignificar essa memória é uma das grandes temáticas de *Jesusalém*. Esse romance, dentre outros do autor, oferece ao leitor de literatura africana várias reflexões sobre identidade, honra, relação colonizado x colonizador, história, trauma, dor, saudade e esperança. Principalmente, a retomada das lembranças para construir a realidade.

Antonio Emílio Leite Couto, moçambicano nascido na cidade da Beira em 05 de Julho de 1955, constrói uma literatura pautada no cotidiano das cidades de Moçambique. O escritor tem sua formação acadêmica em Biologia. Frequentou o curso de Medicina em Lourenço Marques, onde sofreu pressão do regime sobre os

estudantes universitários. Foi colaborador da FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique), grupo que lutava pela independência de Moçambique.

Ingressou na carreira de jornalista em 1975, após a Independência Nacional, administrando três veículos de comunicação: *Agência de Informação de Moçambique* (1976 a 1979), *Revista Tempo* (1979 a 1981) e *Jornal Notícias* (1981 a 1985). Em 1989, terminou o curso de biologia e se especializou na área de Ecologia.

Atualmente, Mia Couto atua como biólogo na área de estudos de impacto ambiental ao mesmo tempo em que é o autor moçambicano mais traduzido e divulgado em outros países. Escritor de romances, contos, poemas e crônicas, Mia Couto constrói uma ficção que envolve os conflitos entre tradição e modernidade, entre outros temas envolvendo o contexto pós-colonial.

Sua obra se inscreve: *Raiz de Orvalho* (1983), *Vozes Anoitecidas*(1986), *Cada homem é uma raça* (1990), *Cronicando* (1991), *Terra sonâmbula*(1992), *Estórias abensonhadas* (1994), *A varanda do frangipani* (1996), *Contos do nascer da terra* (1997), *Mar me quer* (1998), *Vinte e Zinco* (1999), *O últimovôo do flamingo* (2000), *Na berma de nenhuma estrada e outros contos* (2001), *Um rio chamado tempo e uma casa chamada terra* (2002), *O fio das missangas* (2004), segue seus romances *O outro pé da sereia* (2006), *Jesusalém* (2008) - título da edição portuguesa publicada no Brasil sob o título de *Antes de nascer o mundo* (2009), *Venenos de Deus, remédios do diabo* (2008*), Pensageiro frequente* (2010), *Tradutor de chuvas* (2011), *A confissão da leoa* (2012), entre outras produções.

Mia Couto se insere numa literatura cuja característica maior é a oralidade. Ao falar sobre a influência de Guimarães Rosa na sua obra numa entrevista a Ricardo Prado, o escritor moçambicano observa que tanto a África quanto o Brasil mudaram a língua portuguesa. Ele afirma que o nascimento das palavras é um evento de extrema importância para um escritor.

> As línguas africanas provocaram algumas mudanças no português que eu reencontro no Brasil, é uma coisa que está além da literatura e tem origem na presença africana em vosso país, que foi capaz de remoldar a língua portuguesa. E isso está a acontecer agora em Moçambique, pois, quando houve a independência, em 1975, uma pequena minoria falava português. Hoje já é falado quase por toda a gente em Moçambique. Em Angola, já se tornou a língua hegemônica e, com isso, nos dois países, as línguas indígenas estão em rápido processo de desaparecimento. Esse assalto ao português faz-se como um namoro, de uma forma muito pouco complexada.

> As pessoas inventam palavras sem inibição nenhuma, sem se preocuparem se está correto, se está "na norma". E esse é um momento muito feliz para um escritor, observar o nascimento das palavras.(PRADO, Ricardo. *Revista Carta na Escola*, n.50, out.2010)

Sua ficção é subversiva ao oralizar a língua dita culta do colonizador, para atingir um público infinitamente maior e também para denunciá-lo. Apresenta a figura do griots não apenas como presença da memória ancestral, mas também presença velada nos seus narradores que se aproximam e se distanciam dos leitores. Seus personagens vivem em situações conflituosas, partindo do cotidiano de uma Moçambique empenhada em recuperar uma identidade nacional.

A literatura de Mia Couto abarca personagens envolvidos com a pluralidade de identidades e ares significação da tradição, bem como o choque com a modernidade. As tramas se desenvolvem em espaços que simbolizam uma Moçambique em reconstrução. O universo insólito se apresenta como possibilidade de redenção e libertação humana.

As vozes silenciadas e esquecidas de crianças, velhos, mulheres, mendigos e homens, representam-se como identidades esfaceladas pela colonização, pela guerra civil, pelo sufocamento da cultura autóctone. Ao mesmo tempo, esses personagens se mostram perseguidores de uma redenção. Personagens envoltos em um sentimento da busca da identidade, pleno de incompletude.

O desejo de esquecer o sofrimento, o exílio e a vontade de regressar ao seu lugar de pertença são sentimentos sempre ligados aos destinos dos personagens. O diálogo entre os personagens e os elementos da natureza também estão presentes na obra de Mia Couto, resgatando a crença animista do moçambicano. Como exemplo, temos a figura do idoso transitando numa sociedade moderna e personagens modernos em contato com as crenças, a magia, as sereias, as árvores, os rios, a floresta, o mar, as aves, entre outros. Diálogos possíveis no universo fantástico de Mia Couto, como afirma Maria Fernanda Afonso:

> Os mitos e as crenças africanas invadem a escrita de Mia Couto. Há, evidentemente, a presença do cristianismo, reflectindo a influência do ocidente, mas a simplicidade face ao sincretismo religioso de seu país exprimem a sabedoria do mundo africano. Mia Couto apropria-se deliberadamente do esquema do contador e cria o efeito de uma narrativa oral. Assim, recorre às fórmulas iniciais orais que mergulham a narrativa num passado distante, evocando factos que só podiam acontecer na origem dos tempos (AFONSO, 2004, p. 427).

Observamos que o escritor utiliza a literatura para converter os espaços do cotidiano, das vilas e cidades em espaços fantásticos. Sua profissão de biólogo possibilita o contato com os povos, as estórias e as situações diversas que, transformadas, povoam sua ficção. Reconstrói em sua narrativa uma Moçambique totalizante e diversa. Essas criações e recriações surgem no texto como brincadeiras, linguagem quase infantil, armadilhas que ironizam a condição do colonizador. Sua narrativa representa esses dois mundos: o lugar de si e o lugar do outro.

> Como foi possível um africano de raça branca, filho de emigrantes portugueses chamar para si semelhante papel? Antes de mais nada, não negando a sua dupla pertença cultural, mas também não tendo dúvidas sobre o lado da fronteira a que naturalmente pertence. E isto, sem que a opção de ser moçambicano sequer se pusesse um dia. Tão naturalmente como ser, é-se da terra onde sentimos as raízes do coração – são sem sombra de dúvida as mais verdadeiras. O que não significa que não tenhamos de contrabandear permanentemente entre as fronteiras dos nossos mundos. Aceitá-lo e transformá-lo em mais valia possibilitou a Mia Couto o privilégio da compreensão de um mundo a mestiçar-se. Por um lado, deu-lhe um sentimento de si individual; por outro, impeliu-o a construir-se colectivamente (CAVACAS, 2006, p. 64).

A narrativa de Mia Couto reforça a reunião de várias civilizações. Tempos remotos e atuais, com personagens que simbolizam os aspectos de uma África imaginada. Personagens de culturas diferentes que são jogados no mesmo espaço, como é o caso de Mwanito quando se encontra com a portuguesa Marta. Um menino africano dialogando com uma mulher de outra raça, de outra cultura. Jogos de identidades, diálogos possíveis numa Moçambique idealizada. Narradores que buscam respostas e direção para seu destino.

A valorização da cultura do país e os resquícios da colonização dividem e moldam os personagens miacoutianos. Esses indivíduos, na sua maioria, representam as vozes esquecidas da periferia e da sociedade patriarcal. Crianças sem nome, mulheres esquecidas, velhos e mendigos. É assim que Mia Couto conta a história de Moçambique: bordada de silêncio e esperança.

O romance *Jesusalém* utiliza as estratégias da memória, orienta-sepela fala do narrador, contando a vida no exílio (Jesusalém), e como se libertou dele. A obra é

dividida em três partes: livro um- A Humanidade; livro dois- A visita; livro três- Revelações e Regressos.

Na primeira parte do romance, Mwanito narra o exílio, descreve o lugar e as pessoas: deixa algumas pistas sobre o motivo que levou seu pai a se esconder com a família no “meio do mato”.E, ainda, apresenta outros personagens que participaram do exílio com ele: o pai Silvestre Vitalício; o irmão Ntunzi; o militar Zacaria Kalash; o tio Aproximado; e a jumenta Jezibela. No seu discurso, o menino sempre deixa claro o desejo de se libertar daquela prisão e de saber o motivo maior que levou seu pai a odiar sua mãe e a se esconder de todos e de tudo. Na segunda parte do romance, o menino narra as mudanças e a violência ocorridas no exílio depois da visita de uma mulher portuguesa. Nessa parte do romance, Mwanito divide a narração com a portuguesa Dona Marta. O capítulo *Segundos Papeis* é narrado por ela, fala da busca por notícias do marido Marcelo.

Na terceira parte da obra, o menino conta a libertação “física” do exílio, a volta para casa, suas descobertas sexuais, como o pai enlouqueceu e como ele não conseguiu mais se adequar às práticas sociais de antes do exílio. O fato mais importante também foi deixado para o último capítulo: o segredo que envolvia a morte de sua mãe Dordalma. O próprio Mia Couto, em entrevista de lançamento, apresenta Silvestre Vitalício como um homem que instaura um reino de silêncio e esquecimento. O escritor afirma ainda que “um dos assuntos centrais desse livro é a dificuldade da nossa relação com o tempo e os personagens desse romance todos eles estão sofrendo do passado“[...] converteu-se num labirinto cuja única saída seria viver uma outra vida.”(Mia Couto, Entrevista, 25/06/09)

Essa dificuldade de relacionar-se com o tempo está presente na conjuntura da Moçambique pós-guerra. Em outras palavras, esse romance apresenta a complexa relação com o passado e o esquecimento.

Moçambique viveu grandes transformações depois de uma guerra que durou cerca de dez anos. Foi colônia portuguesa e se tornou “independente” em 25 de Junho de 1975. Apesar da independência, como em todo país que foi colonizado, restaram marcas profundas da cultura do colonizador. Valores e ideologias impostos que resistem até hoje no inconsciente do povo.Os sentimentos de insegurança e incerteza marcam os indivíduos dessa sociedade que foi colônia e, agora livre, não consegue se libertar do ranço da colonização.

HomiK. Bhabha, em sua obra *O local da cultura* (2005), nos apresenta uma importante reflexão sobre o Pós-colonialismo ao apontar alguns de seus princípios básicos:

> A crítica pós-colonial é testemunha das forças desiguais e irregulares de representação cultural envolvidas na competição pela autoridade política e social dentro da ordem do mundo moderno. As perspectivas pós-coloniais emergem do testemunho colonial dos países do Terceiro Mundo e dos discursos das 'minorias' dentro das divisões geopolíticas de Leste e Oeste, Norte e Sul. Elas intervêm naqueles discursos ideológicos da modernidade que tentam dar uma 'normalidade' hegemônica ao desenvolvimento irregular e às histórias diferenciadas de nações, raças, comunidades, povos. Elas formulam suas revisões críticas em torno de questões de diferença cultural, autoridade social e discriminação política a fim de revelar os momentos antagônicos e ambivalentes no interior das 'racionalizações' da modernidade. (BHABHA, 2005, p.239)

O estúdios o fundamenta-seno conceito da contingência, evidenciado nos estudos pós-coloniais, para sustentar sua crítica às teorias totalizantes e universalistas.Bhabhare comenda um afastamento do conceito de cultura e de seus princípios canônicos e apresenta a ideia de cultura como uma produção desigual e incompleta de significação e valores, resultantes de demandas e práticas incomensuráveis, produto da sobrevivência social.

> [...] No pós-colonial, a cultura é transnacional e tradutória". Transnacional porque há um deslocamento em razão da complexidade das fronteiras culturais e políticas, e tradutória porque as histórias de deslocamento e a subjetividade que delas decorrem vão demandar uma expansão no conceito de cultura que o tornam bastante complexo.(BHABHA, 2005, 241-242)

O autor concebe a cultura como um "lugar enunciativo" dialógico e liberal, tendência que traz possibilidades de abarcar realinhamentos e deslocamentos, resultantes do hibridismo cultural e de articulações culturais. É justamente dessa articulação do presente dialógico com a cultura que surge a mudança do "outro objetificado" em sujeitos de sua história.

> O presente enunciativo "é o espaço cultural para a abertura de novas formas de identificação que podem confundir a continuidade das temporalidades históricas, perturbar a ordem dos símbolos culturais, traumatizar a tradição." (BHABHA, 2005, p.11)

Esse sujeito objetificado, aberto a novas formas de identificação e ao mesmo tempo dono de sua história e experiência, é representado nas narrativas de Mia Couto. O escritor apresenta, nas narrativas, traços da memória ancestral, ditados populares das línguas nacionais de Moçambique, misturando questões sobre a língua do colonizador, a variedade das línguas locais e os neologismos. Os ditados populares das tribos se misturam aos ditos inventados e cria uma linguagem especial, quase simbólica na sua ficção.

Semelhantemente, outros autores de literatura africana de língua portuguesa como: Eduardo White (recentemente falecido), Ungulani Ba Ka Khosa, Calane da Silva, Lilia Momplé, Paulina Chiziane por exemplo, preocupam-se em construir uma ficção que desenha o sujeito pós-colonial que é liberto e ao mesmo tempo preso pela tradição, a dor, a saudade, a memória.

Ao desenhar o sujeito pós-colonial em sua literatura, o escritor reafirma o homem como um misto de fases da história. Um homem inseguro e cheio de dilemas. Um indivíduo que vive a dicotomia entre o passado e o presente. Personagens guetizados, exilados, esquecidos e sem voz social num ambiente mágico e ganham força para denunciar sua condição. A cidade, desenhada por ele, oferece espaços para os gritos de pessoas que foram presas e esquecidas na sua própria terra. Gritos de exilados, como afirma Oliveira Neto (2011) em seu artigo "O espaço da interdição" em *O fio dasmissangas, de Mia Couto:*

> São espaços representantes de uma variada gama de tipos sociais, tradicionalmente marcados pela presença de sujeitos vítimas de processos discriminatórios e excludentes. Sujeitos deslocados espacialmente, consequência palpável do processo de colonização e de marginalização social. Sujeitos guetificados, descontínuos, mal entendidos, quase sempre. Mais do que esses espaços, a literatura de Mia Couto, nesse livro de contos, busca recompor espaços do silêncio, espaços de interdição – do corpo, da liberdade política, sexual... Existe uma dimensão simbólica nisso que está para além de apenas recolocar tais espaços como protagonistas: é como se, pela literatura, houvesse a possibilidade – a única, se não for exagero – de deixá-los escritos na materialidade da história das sociedades. (OLIVEIRA NETO, 2011,p.14)

A literatura de Mia Couto apresenta dois momentos históricos e as relações entre eles: o do tempo pós-guerra com todos os seus danos e ranços; o tempo fantástico em que habitam as suas personagens, vítimas da guerra. O universo da sua escrita é habitado por indivíduos resilientes que, apesar das provações, cultivam

esperança. Na escrita do moçambicano, histórias paralelas compartilham o mesmo espaço e passado e se encontram em algum evento da narrativa a fim de definir um desfecho. O passado que serve de espelho para o presente e pode ser retomado, visitado, quando necessário, como afirma Beatriz Sarlo (2007):

> [...] ele [o passado] continua ali, longe e perto, espreitando o presente como a lembrança que irrompe no momento em que menos se espera ou como a nuvem insidiosa que ronda o fato do qual não se quer ou não se pode lembrar [...]. O retorno do passado nem sempre é um momento libertador da lembrança, mas um advento, uma captura do presente. (SARLO, 2007, p.09)

O passado é retomado na maioria dos romances de Couto como artifício para resolver conflitos familiares. Essas reminiscências, segundo Sarlo, aparecem naturalmente e trazem consigo marcas mais amplas relacionadas à guerra. Em *Antes de nascer o mundo*, Silvestre Vitalício foge do passado de dor e vergonha e insula sua família, tentando recomeçar depois do tão declarado por ele mesmo "fim do mundo":

> Meu velho, Silvestre Vitalício, nos explicara que o mundo terminara e nós éramos os últimos sobreviventes. Depois do horizonte, figuravam apenas territórios sem vida que ele vagamente designava por "Lado-de-Lá". Em poucas palavras, o inteiro planeta se resumia assim: despido de gente, sem estradas e sem pegada de bicho. Nessas longínquas paragens até as almas penadas já se haviam extinto. (COUTO, 2009, p.11)

Não se pode fugir nem do passado colonial nem do passado familiar. Esse misto conflitante de passado é representado no perfil do exilado. Ele faz parte da realidade pós-guerra de Moçambique. Seu testemunho traz o sentimento de angústia de quem abandonou ou foi abandonado pela pátria. Mwanito é exilado pelo próprio pai dentro da sua nação. Para observar melhor a postura do exilado em *Antes de Nascer o Mundo* é necessário rever a reflexão de alguns teóricos sobre o indivíduo estrangeiro, nesse caso, estrangeiro em sua casa.

O exilado, o estrangeiro carrega um sentimento de fatalidade. A vida é tomada por um sentimento de punição e de ausência. A história de um exilado se constrói sempre a partir de um evento calamitoso, uma fratura. Ele vive numa situação transitória, sem limites. A impressão deixada é de um trânsito que parece nunca ter fim. Se um exilado consegue se estabelecer em terra estrangeira ou até

mesmo retorne a sua terra e consiga ter sucesso, ele sempre voltará ao ponto de origem: a ausência, a solidão, a incerteza, o exílio. Suas memórias se transformam a cada dia. Memórias adulteradas pelas fantasias, imagens transformadas pela dor da saudade, cenas detalhadamente modificadas pelo exagero de quem sofreu a ausência, o vazio. O exilado está sempre enlutado por causa de um evento sem reparação nem superação.

Esse estranhamento experimentado pelo exilado é um sentimento comum na modernidade. Conforme Stuart Hall (2003,p.27), “esta é a sensação familiar e profundamente moderna de deslocamento, a qual- parece cada vez mais- não precisamos viajar muito longe para experimentar.”

Terry Eagleton observa o exilado numa perspectiva de sociedade moderna. Em *A ideologia da estética*, o exilado, segundo ele, perdeu a raiz, “ele é menos a fonte individualizada de suas próprias ações, do que uma função obediente de uma estrutura ordenadora mais profunda, a qual agora parece fazer por ele o seu pensar e agir.” Analisando Ulisses, de Joyce, Eagleton diz:

> O destino desenraizado dos exilados ou emigrados modernistas é a condição material para a emergência de um novo pensamento formalizante e universalizante, que tendo-se recusado o conforto ambíguo da mãe-pátria, pode agora olhar de modo sombriamente analítico, de seu alto e transcendental ponto de vista, nalguma metrópole poliglota, todas as heranças históricas específicas, discernindo a lógica global que as governa. (EAGLETON, 1993, p.233)

Para Edward Said, o exílio significa uma forma de (mal-) estar-no-mundo, que marca e explica a permanente desadaptação de muitos intelectuais. (2000, 54-55) Edward Said ainda explica: “o exilado atravessa fronteira, rompe barreiras do pensamento e da experiência". (SAID, 2003, p. 58) O exílio não é somente "afirmado a partir da existência da terra natal, do amor por ela e de uma ligação real com ela; a verdade universal do exílio não é que se tenha perdido esse lar, esse amor, mas que inerente a cada um, existe uma perda inesperada e indesejada". (SAID, 1999, p. 411) Assim, "sentir-se desterrado em sua própria terra" é uma experiência possível.

A postura do exilado é especial porque ele vê o mundo sob uma ótica diferente. Como assevera Sérgio Cardoso, "Como se, em ocasiões privilegiadas, os olhos arrebatassem todo o corpo na sua empresa de exploração da alteridade, no

seu intuito de investigar e compreender, no seu desejo de olhar bem". (CARDOSO, 1988, p. 359). O evento do exílio é atribuído à estranheza do que está em volta do viajante, indicando a necessidade de deslocamento. Porém, as viagens "nunca transladam o viajante a um meio completamente estranho, nunca o atiram em plena e adversa exterioridade; mas, marcadas pela interioridade do tempo, alteram e diferenciam seu próprio mundo, tornam-no estranho para si mesmo". (CARDOSO, 1988, p. 360).

Ainda, segundo Maurice Blanchot, o exilado habita a região do 'exterior eterno', "muito bem evocado pela imagem das trevas exteriores nas quais o homem é posto à prova daquilo que o verdadeiro deve negar para converter-se na possibilidade e no caminho". (BLANCHOT, 1987, p. 238)

Maria José de Queiroz em *Os males da ausência* (1998) trata da experiência individual e coletiva do exílio, a partir das obras dos despatriados. A autora trata o exílio como "ausência", um "mal" representado na "dor de querer voltar para casa". O exílio seria uma forma de castigo. Desde "Adão e Eva até Maomé, passando por Noé, Abraão, Moisés e Jesus, o tema do exílio está presente". Na Bíblia, o exílio está ligado à ideia de castigo (QUEIROZ, 1998, p.29). Porém, é através da experiência do exílio (período de reflexão) que acontecem o perdão e a renovação da aliança com Deus. "O exílio nos textos sagrados, não implica somente uma experiência de ruptura, de rejeição e de renúncia: implica também sutura, reconstrução, criação". Queiroz (1998) apresenta o judaísmo associado à emigração, ao êxodo na sua acepção política e teológica.

Posteriormente, Queiroz apresenta a perspectiva de exílio representada nas obras de Homero. Na *Ilíada* e na *Odisseia*, o exílio de Ulisses e o seu retorno não se dão de maneira tranquila. Ao regressar, Ulisses não é reconhecido pelos seus(apenas pelo cão Argos) e para retomar seu lugar "o herói deve fazer-se valer: pela força do braço, pela autoridade e pelo direito. [...] Donde se infere que a identidade se atesta com atos".(QUEIROZ, 1998, p. 42)

Por meio desses exemplos, Maria José de Queiroz deixa claro que, tanto na Bíblia como na Grécia de Homero, o exílio significava um castigo por excelência. O sentido de pátria estava relacionado com as posturas consagradas de heroísmo.

> “Exige-se do herói mais do que a estima da família e o respeito dos concidadãos; ele deve ser digno dos antepassados, dos guerreiros que antes dele se bateram pelos deuses e pela pária e de quantos o precederam na defesa dos princípios que regem a moral e os costumes na polis”. (QUEIROZ, 1998, p.42)

Homero, por meio do seu personagem Ulisses, reflete a necessidade que o sujeito tem de fazer parte de um grupo social. “A consciência cabal da posse de um rosto, de uma fisionomia, de um caráter e de uma identidade circunscrevem-se aos limites da terra onde somos conhecidos e reconhecidos”.(QUEIROZ, 1998, p. 43)

Para Julia Kristeva (1994), todo ser humano tem algo de estrangeiro. Indivíduos estranhos, escondendo outra face, um lado misterioso. “Estranhamente, o estrangeiro é aquele que habita em nós: ele é a face oculta da nossa identidade, o espaço que arruína a nossa morada, o tempo em que se afundam o entendimento e a simpatia”. (KRISTEVA,1994, p.9) Segundo a autora, o estrangeiro vive em constante dicotomia:

> O estrangeiro suscita uma nova ideia de felicidade. Entre a fuga e a origem: um limite frágil, uma homeostase provisória. [...] A felicidade estranha do estrangeiro é a de manter essa eternidade em fuga ou esse transitório perpétuo. (KRISTEVA,1994, p.12)

Semelhante ao personagem Merseault de Albert Camus, o exilado é aquele que perdeu a mãe. E, ainda que volte à sua terra de origem, ao seu lugar, ele continuará estrangeiro porque perdeu as raízes que garantiam sua proveniência naquele lugar.

> Hoje mamãe morreu. Ou talvez ontem, não sei. Recebi um telegrama do asilo: Mãe morta. Enterro amanhã. Sinceros sentimentos. Isso não quer dizer nada. Talvez tenha sido ontem. (CAMUS, 1942, p.8)

Kristeva (1994), ela própria uma exilada, também tem essa ideia do exilado: órfão da mãe,desprezado pelo pai, o Estado. O problema maior do estrangeiro não é a perda da mãe, da terra, do lugar de origem, é sentir-se abandonado por ela e ser forçado a abandoná-la também.

> No ponto mais longínquo em que sua memória remonta, ela está deliciosamente magoada, incompreendido por uma mãe amada e contudo distraída, discreta e preocupada, o exilado é estranho à própria mãe. Ele não a chama, nada lhe pede. Orgulhoso, agarra-se altivamente ao que lhe falta, à ausência, a qualquer símbolo. (KRISTEVA,1994, p.12-13)

Essa sensação de abandono e insegurança do exilado foi representada pela saída do povo hebreu do Egito. Mesmo depois de Javé, o grande "Eu Sou", abrir o mar vermelho, por intermédio de Moisés, o povo continuou inseguro. Deus fazia cair maná do céu todos os dias para alimentar o povo, conforme tinha prometido a Moisés. Ainda assim, o povo, numa atitude de insegurança, com medo de passar fome, guardava uma porção de maná para o outro dia, mas não adiantava. O maná amanhecia podre. Isso suscitou a ira de Deus.

> E, vendo-a os filhos de Israel, disseram uns aos outros: Que é isto? Porque não sabiam o que era. Disse-lhes pois Moisés: Este é o pão que o Senhor vos deu para comer. Esta é a palavra que o Senhor tem mandado: Colhei dele cada um conforme ao que pode comer, um ômer por cabeça, segundo o número das vossas almas; cada um tomará para os que se acharem na sua tenda. E os filhos de Israel fizeram assim; e colheram, uns mais e outros menos. Porém, medindo-o com o ômer, não sobejava ao que colhera muito, nem faltava ao que colhera pouco; cada um colheu tanto quanto podia comer. E disse-lhes Moisés: Ninguém deixe dele para amanhã. Eles, porém, não deram ouvidos a Moisés, antes alguns deles deixaram dele para o dia seguinte; e criou bichos, e cheirava mal; por isso indignou-se Moisés contra eles. Eles, pois, o colhiam cada manhã, cada um conforme ao que podia comer; porque, aquecendo o sol, derretia-se. (ÊXODO 16: 15-21)

No mesmo episódio bíblico, enquanto Moisés estava no monte elaborando as tábuas dos dez mandamentos, o povo construiu uma estátua para adorar a um deus diferente daquele que o havia libertado. O povo sentia a necessidade de "buscar".

> Quando Moisés aproximou-se do acampamento e viu o bezerro e as danças, irou-se e jogou as tábuas no chão, ao pé do monte, quebrando-as. Pegou o bezerro que eles tinham feito e o destruiu no fogo; depois de moê-lo até virar pó, espalhou-o na água e fez com que os israelitas a bebessem. E perguntou a Arão: Que fez esse povo a você para que o levasse a tão grande pecado? Respondeu Arão: Não te enfureças, meu senhor; tu bem sabes como Esse povo é propenso para o mal. Eles me disseram: Faça para nós deuses que nos conduzam, pois não sabemos o que aconteceu com esse Moisés, o homem que nos tirou do Egito. Então eu lhes disse: 'Quem tiver enfeites de ouro, traga-os para mim'. O povo trouxe-me o ouro, eu o joguei no fogo e surgiu esse bezerro! (ÊXODO 32:19-24)

Existe uma procura constante por um símbolo para se apegar, um norte, uma ideologia. Algo que venha trazer algum tipo de felicidade faz parte do sonho de um exilado. Porém, como adverte Kristeva (1994), a felicidade para o exilado será sempre alicerçada pelo sentimento de incompletude, é uma felicidade diferente,

> [...] a sensação de uma felicidade especial, um pouco insolente do estrangeiro. A felicidade parece transportá-lo, apesar de tudo, porque alguma coisa foi definitivamente ultrapassada: é uma felicidade do desenraizamento, do nomadismo, o espaço de um infinito prometido. Contudo, felicidade cabisbaixa, de uma discrição medrosa, apesar de sua intrusão penetrante, pois o estrangeiro continua a se sentir ameaçado pelo território de outrora, tragado pela lembrança de uma felicidade ou de um desastre- sempre excessivos. (KRISTEVA,1994,p.12)

Na obra de Mia Couto, a maioria dos personagens tornam-se exilados no próprio país por causa das condições históricas que vivenciaram. E testemunham os traumas, a perda da sua casa, família e terra. Depois da guerra, eles vivem um momento de reconstrução de sua própria história e da atribuição de novos valores e significados.

Mia Couto trata dessa perspectiva de exílio em *Terra Sonâmbula* (2003), *Um Rio chamado Tempo, uma casa chamada terra* (2007)e em *Antes de nascer o mundo* (2009).Nos dois primeiros romances, os personagens, de formas diferentes, vivem dilemas entre o antigo e o novo, o colonial e o pós-colonial, a tribo e a civilização; ou seja, uma guerra de identidade.

No primeiro romance, a terra sonâmbula significa uma terra sem casa, onde tudo foi destruído pela guerra. O machibombo e o navio são lugares de passagem, de movimento, porém estão em situação de inatividade. O machibombo (casa provisória) é marcado pela morte, pelos corpos deixados. O navio é um lugar misterioso onde habita uma estranha entidade. Farida é a única mulher a bordo do navio. Representa a mulher sofrida da sociedade tribal. Excluída e desamparada, torna-se presa fácil para o algoz. Isolada, ela espera ser salva e contar sua experiência. Quando conhece Kindzu, sua primeira reação é contar tudo. Existe uma necessidade no exilado de falar, de apresentar sua identidade, de se fazer perceber. A personagem começa seu relato se apresentando: “Me chamo Farida, começou a mulher o seu relato”. (COUTO, 2003, p.77)

Por meio do relacionamento amoroso entre os dois personagens, relatos são elaborados a fim de que esses exilados contem e recontem suas histórias. Nesses relatos, dois tempos são representados. Além da mistura de duas tradições, de dois mundos.

> [...] nós dois estávamos divididos entre dois mundos. A nossa memória se povoava de fantasmas da nossa aldeia. Esses fantasmas nos falavam em nossas línguas indígenas. Mas nós já só sabíamos sonhar em português. E já não havia aldeias no desenho do nosso futuro. (COUTO, 2003, p. 102-103)

Em *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* dois tempos também são apresentados por meio do poder imposto pela figura do patriarca daquela família. Dito Mariano volta para ilha onde nasceu por causa da morte do seu avô. Ele representa o passado e o presente. Representa ainda "a passagem para o outro lado". Esse romance retrata um momento pós-guerra, de reconstrução, quando um filho lamenta a condição da sua terra e sente o desejo de reconstruir sua história:

> De novo me chegam os sinais de decadência, como se cada ruína fosse uma ferida dentro de mim. Custa a ver o tempo falecer assim. Levassem o passado para longe, como um cadáver. E deixassem-no lá, longe das vistas, esfarelado em poeira. Mas não. A nossa ilha está imitando o Avô Mariano, morrendo junto a nós, descompondo-se perante o nosso desarmado assombro. (COUTO, 2007, p. 89-90)

Dito Mariano sabe que sua tarefa é relacionar os dois lados do tempo. Reconstruir seu lugar de origem e sua história. Precisa reunir forças para dar uma nova roupagem aos valores impostos por seu avô. É a postura do exilado, do estrangeiro, ao voltar para sua terra devastada pela guerra, tentando modificá-la. Existe no exilado uma necessidade de conseguir soluções para a condição de guerra vivida pela sua terra natal.

Em *Antes de nascer o mundo*, a condição de exílio é representada por *Jesusalém*. Um lugar além de "Jesus" ou que existe antes de o mundo nascer. Pelo título, esse território já pode ser considerado como lugar de estranhamento, lugar diferente, lugar misterioso. Esse lugarejo foi assim chamado por Silvestre Vitalício (novo nome de Mateus Ventura) pai de Ntunzi e Mwanito que, por causa de uma

traição conjugal, resolve se isolar da sociedade e levar sua família para morar no "meio do mato".

Em "Jesusalém", Mwanito, um dos narradores do romance, relata que tudo era estranho e proibido. O mundo agora só tinha cinco habitantes. Um mundo geograficamente tão escondido que não foi visitado nem por "Deus".

> Eu vivia num ermo habitado apenas por cinco homens. Meu pai dera um nome ao lugarejo. Simplesmente chamado assim: "Jesusalém". Aquela era a terra onde Jesus haveria de se descrucificar. E pronto, final. Meu velho, Silvestre Vitalício, nos explicara que o mundo terminara e nós éramos os últimos sobreviventes. (COUTO, 2009,p.11)

Jesusalém, um paraíso ao contrário. A terra prometida de Mwanito era diferente da perspectiva de exílio apresentada por Karen Armstrong, no livro *Jerusalém, uma cidade, três religiões* (2000) onde se fala do exílio e do retorno. O livro fala de um possível muro separando as cidades judaicas e mulçumanas. A autora analisa os motivos que levam os judeus, cristãos e mulçumanos a considerarem Jerusalém como "cidade santa". Armstrong percebe como Jerusalém tem uma carga de significação importante e contribui para o pluralismo religioso. Quanto ao exílio, a autora faz uma crítica aos judeus quando reivindicam Jerusalém como lugar exclusivo da sua fé:

> Se queriam viver no exílio como em Jerusalém, com Javé entre eles, os judeus tinham de formar, por assim dizer uma zona sagrada. Não deviam confraternizar-se com os Goim, nem adorar Marduc e outros falsos deuses. Tinham que constituir-se numa casa para o Deus que escolhera morar entre eles. Meditando sobre esse mapa cultual idealizado, onde toda pessoa e todo objeto tinham seu lugar, entenderiam a natureza e o significado da santidade. Precisavam encontrar um centro para suas vidas e uma nova orientação. (ARMSTRONG, 2000, p. 114)

A terra prometida de Mwanito era outra: Jesusalém. Paraíso sagrado para Silvestre Vitalício, recriador de um mundo onde nem "Deus" poderia intervir no seu destino. Em contrapartida, Jesusalém significava lugar de sofrimento e solidão para sua família, principalmente para Mwanito, que sentia falta da sua mãe.

O exílio de Mwanito era dentro de sua pátria. Seu "colonizador" era o próprio pai. Essa narrativa é a "metáfora" da colonização em Moçambique. O menino, sem

entender, aos três anos, deixou sua casa por causa de uma questão particular de seu pai. Todas as vezes que pedia explicação, tinha o silêncio ou a metáfora por resposta.

> -Pai, a mãe morreu? - Quatrocentas vezes. -Como? -Já vos disse quatrocentas vezes: a vossa mãe morreu, morreu toda, faz de conta que nunca esteve viva. -E está enterrada onde? -Ora, está enterrada onde? -Ora está enterrada em toda parte. (COUTO, 2009, p.32)

Apesar de ser exilado com sua família, de não estar só, Mwanito sofria o estranhamento do exilado. Tudo que ele tinha aprendido e sonhado era para ser esquecido: um tipo de processo de esvaziamento do “eu”. Ele foi retirado de sua casa, do seu lugar de convívio, das práticas sociais para se tornar outra pessoa.

A melancolia e a saudade de casa, próprias dos exilados, tomou a mente do menino. Mwanito tinha também a necessidade de conhecer o que existia além daquele lugar. Como afirma Duarte (2012) sobre a postura dos exilados quando analisa a obra de “Inácio Rebelo de Andrade”:

> É curioso que, ao lado do secreto desejo de retornar à pátria, todo exilado alimentou antes atávico sonho de procurar outras paragens. No exílio, a saudade, aumentada pela sensação de forasteiro, faz com que aquele ponto além- mar se transforme num referencial mais legítimo da existência. [...] A noção de uma pátria-além confunde e angustia os personagens, para quem o passado e o presente associam-se a perdas que interferem em sua forma de ser e estar no mundo. (DUARTE, 2012, p.18)

Semelhante a Duarte (2012), Julia Kristeva também fala dessa busca ao infinito, dessa busca tão sonhada pelo estrangeiro, desse sentimento de buscar um território além:

> Fixado a esse outro lugar, tão seguro quanto inabordável, o estrangeiro está pronto para fugir. Nenhum obstáculo o detém e todos os sofrimentos, todos os insultos, todas as rejeições, lhe são indiferentes na busca desse território invisível e prometido, desse país que não existe mas que ele traz no seu sonho e que deve realmente ser chamado de um além. (KRISTEVA,1994, p.13)

Mwanito sentia uma vontade, uma necessidade de conhecer o outro mundo, o outro lado da vida. Esse anseio era estimulado pelo seu irmão e pelo tio

Aproximado. Uma sensação de “maravilhamento” dessa terra “além” é incentivada pelo irmão quando sugere que eles cheguem ao outro lado através do rio:

> Custou-me o que nunca me tivesse ocorrido quem: o rio era uma estrada aberta, um sulco rasgado sem interdição. Estava ali a saída e nós não fôramos capazes de ver. Mais e mais acrescido de vontade fui construindo planos em voz alta: quem sabe regressássemos à margem e começássemos a escavar uma Canoa? Sim uma canoazinha seria o suficiente para nos afastarmos daquela prisão e desaguarmos no alto mundo. (COUTO, 2009, p. 27)

Edward Said (2003), em *Reflexões sobre o exílio,* afirma que a prisão causa uma ruptura, uma fratura sem cura entre um ser humano e seu lugar de origem: um vazio jamais superado. Reconhece que apesar de todos os fatos heroicos e gloriosos de um exilado, as situações de perdas e de dor são irreparáveis. O exílio é sinônimo de perda de algo deixado para trás e não tem retorno. Observa-se essa consciência de perda na fala do menino: “Não chegamos a viver durante a maior parte de nossas vidas. Desperdiçamo-nos numa espraiada letargia a que, para nosso próprio engano e consolo chamamos existência. No resto, vamos vagalumeando, acesos apenas por breves intermitências.” (COUTO, 2009, p.115)

Mwanito não consegue mais se adequar às práticas sociais do lugar onde nascera e vivera até os três anos de idade. Algo foi perdido. O exílio está dentro dele, na sua mente. Apesar de ter saído, de ter vencido, de dizer que estava livre fisicamente, era impossível o retorno à vida social sem haver um estranhamento, uma angústia diferente, um vazio que só quem foi exilado sente.

> Somos criaturas diurnas, mas são as noites que medem o nosso lugar. E as noites só cabem bem na nossa casa de infância. Eu nascera na morada que agora ocupávamos, mas não era esta a minha casa, não era aqui que o sono me descia com doçura. Tudo nessa residência me causava estranheza. (COUTO, 2009, p.227)

.

A condição de exílio é posta num nível maior que a da experiência migratória. O menino sofre o drama do exílio com sua família sem saber o motivo pelo qual está sendo confinado. Esse exílio já era condição suficiente para criar um trauma em Mwanito. Viver isolado durante sua infância. O trauma resulta em perdas irreparáveis, como afirma Seligmann-Silva (2000, p.7-8),

> Não é preciso passar por uma catástrofe, no sentido geológico, biológico, ou histórico, para reconhecer as contingências traumáticas da experiência, como se representa em obras e textos fundamentais do presente. O que aconteceu deixou marcas. As marcas deixam que o acontecido retorne, presumivelmente num outro modo, não só traumático, nem reparatório.

Esse sentimento de "não pertencimento" é vivido por um menino de três anos. Diferente dos romances já citados, a necessidade maior de Mwanito, além de contar a vida no exílio, era lembrar-se de sua mãe e entender sua história. Ele não entendia o ódio que o pai sentia. As questões de identidade, memória e trauma estão presentes todo o tempo no discurso do menino, bem como o conflito entre passado e presente. Não se sabe ao certo até que ponto o narrador está apresentando os fatos como realmente aconteceram porque existe uma precariedade natural na memória, que vai aumentando com o passar do tempo. As lembranças vão se tornando longínquas. A testemunha não tem mais certeza de como aquele fato ocorreu: essa insegurança transparece no discurso e pode ser percebido pelo leitor como assegura Seligmann-Silva (2000, p. 9):

> Catástrofe, trauma e memória traduzem-se uns aos outros nessas histórias que não se deixam capturar nem pelo pensamento, nem pelo discurso. Para o leitor, ou intérprete, o dilema é não desistir do conhecimento, sem trair a natureza do vivido. Não contar perpetua a tirania do que passou; e sua distorção gradual, à distância do tempo, acaba pondo em xeque as certezas da memória, precárias como são.

Essa experiência do exílio caracteriza o testemunho de Mwanito como um discurso traumático semelhante ao testemunho de alguém que não consegue se libertar do passado. O evento do exílio retorna à sua mente, podendo ser ativado por qualquer registro e deixando a testemunha presa ao passado.

> Durante anos eu me concebera como o único menino no universo. E durante uma vida essa solitária criança esteve interdita de olhar um livro. Porisso, desde a primeira lição, enquanto tabuada e abecedário fluíam na sala, eu acariciava os cadernos e me recordava do meu baralho de cartas. (COUTO, 2009, p.255)

A palavra trauma, como afirma Seligmann-Silva (2000,p.8), significa friccionar, triunfar, perfurar; mas também suplantar, passar através. O problema do evento

traumático traz complexidade porque envolve fatos e construções de significados recíprocos entre o passado e o presente. Por isso, a característica do evento traumático é “o adiamento ou incompletude do que se sabe”.

> Em contrapartida, em Jesusalém, não havia senão vivos. Desconhecedores do que fosse saudade ou esperança, mas gente vivente. Ali existíamos tão sós que nem doença sofríamos e eu acreditava que éramos imortais. À nossa volta, apenas os bichos e as plantas morriam. E, nas estiagens, desfalecia de mentira o nosso rio sem nome, um riacho que corria nas traseiras de um acampamento. (COUTO, 2009, p.12)

Além de discorrer sobre o trauma causado por catástrofes e sobre a forma como elas são representadas, Seligmann-Silva reflete sobre a relação entre testemunha e leitor. Na narrativa de testemunho existe uma tendência de o leitor se tornar testemunha do que lhe está sendo confidenciado. Na verdade, a temática do evento catastrófico modifica a forma de perceber, de representar e de contrapor ao mundo. A apresentação da violência cotidiana obriga a aceitação dessa relação de cumplicidade testemunhal entre o narrador do evento e o leitor. O ato de narrar o que aconteceu não pode ser transferido para outro, mas, ao mesmo tempo, penetra no outro pelo seu caráter verossímil. No ensaio *Educação em crise, ou as vicissitudes do ensinar* em Seligmann-Silva (2000), Shoshana Felman discute sobre a possibilidade de uma visão de “educação” diferente depois de um século pós-traumático com catástrofes históricas. Entre outras discussões, a escritora questiona as reflexões da literatura e da psicanálise sobre o testemunho.

Felman reflete sobre a obra de alguns escritores e psicanalistas, como: Albert Camus, Fiódor Dostoiévski; Sigmund Freud; Stéphane Mallarmé e Paul Celan. Segundo ela, quando se pensa em testemunho, a ideia é que alguém decidiu, teve a necessidade de contar um evento traumático do passado, algo privado. Felman (2000) assegura que o testemunho “não é simplesmente um testemunho sobre uma vida privada, mas um ponto de fusão entre texto e vida, um testemunho textual que pode nos penetrar como uma verdadeira vida”. (FELMAN, 2000, p.15) O outro não pode fazer o papel da testemunha. Ninguém pode testemunhar pelas testemunhas. O outro, o leitor, pode ser cúmplice da testemunha. Esse discurso não é indiferente a ele. O leitor se vê nesse evento, ele também passa por traumas e violência todos

os dias: ele se vê no discurso fragmentado do indivíduo pós-moderno. Sua identidade também é fragmentada e até incompleta.

> Uma vez que o testemunho não pode ser simplesmente substituído, repetido ou relatado por outro sem perder, dessa forma, sua função como testemunho, o fardo da testemunha- apesar de seu alinhamento a outras testemunhas- é radicalmente único, não intercambiável e um fardo solitário. (FELMAN, 2000, p.15)

Quando uma testemunha resolve contar, ela tenta se libertar da solidão e compartilhar o evento que transcende seu próprio discurso. Felman cita um filósofo francês, Emmanuel Levinas, sobre a postura da testemunha diante do outro: “Pelo fato do testemunho ser dirigido a outros, a testemunha, de dentro da solidão da sua própria posição, é o veículo de sua própria ocorrência, de uma realidade, de uma posição ou de uma dimensão para além dele mesmo.” (FELMAN, 2000, p.16)

É como se contar o testemunho trouxesse ao indivíduo um alívio, uma sensação de cura. Para exemplificar essa assertiva, Felman recorre a Albert Camus em sua obra *A Peste*, cujo narrador é um médico:

> A escolha de Camus do médico como narrador privilegiado e a testemunha designada, pode sugerir que a capacidade de testemunhar e o ato do testemunho envolvem em si mesmo uma capacidade curativa e já pertencem, por caminhos obscuros, ao processo de cura. (FELMAN, 2000, p.16)

Felman ainda afirma que essa escolha de Camus de ter um médico como testemunha representa uma oportunidade de cura, a necessidade que o ser humano tem de denunciar, de falar e de ser ouvido. Na verdade, essa doença incurável tem dois sentidos: um literal e um metafórico.

> [...] o imperativo de testemunhar, que aqui deriva no contágio da *peste* _ da erupção de um mal que é radicalmente -, é em si, de alguma forma, um correlativo filosófico e ético de uma situação *sem cura* e de uma condição radical de exposição e vulnerabilidade humanas. (FELMAN, 2000, p.17)

A Segunda Guerra Mundial, o Holocausto, a bomba nuclear, entre outros, são exemplos que tornaram o testemunho indispensável. O testemunho é constituído de partículas da memória que não se estabeleceram como compreensão ou lembrança, eventos em excesso em relação às situações referenciais do ser humano. O testemunho não é um evento totalizador. Não tem o caráter da completude. “No testemunho, a linguagem está em processo e em julgamento, ela não possui a si mesma como uma conclusão, como constatação de um veredicto ou como saber em si transparente.” (FELMAN, 2000, p.18)

Essa postura trabalhada por Felman acerca do ato de testemunhar é facilmente percebida em Mwanito. Dentre os habitantes exilados em Jesusalém, Mwanito resolve contar o exílio. Mas, além de seu testemunho sofrer da incompletude característica de todo testemunho, ele narra lembranças de três anos de idade.

Conforme Seligmann-Silva (2000), essa experiência da testemunha, do exilado, tem relação com a definição de Freud sobre trauma. O trauma, para o psicanalista, o evento “traumático”,

> [...] não tem outro sentido senão o sentido econômico. Designamos assim uma experiência que, em curto período de tempo, aporta à mente um acréscimo de estímulo excessivamente poderoso para ser manejado ou elaborado de maneira normal, e isto só pode resultar em perturbações permanentes da forma em que essa energia opera. (FREUD,1915, p.28)

Como se o indivíduo não conseguisse libertar-sedas lembranças, essas recordações se apresentam como ações obsessivas, sem ligação consciente com a situação atual. Em alguns momentos da narrativa, Mwanito confessa praticar hábitos que só faziam sentido no lugar de exílio.

> -Que se passa, mano? Precisa de alguma coisa? -Queria ser mordido pela víbora que atacou o pai. Ntunzi permaneceu calado, intrigado. Mastigou as mais amargas dúvidas e perguntou: -Você está bem, Mwanito? Acenei afirmativamente com a cabeça. Estava como sempre estive. Tinha sido ele que tinha mudado. (COUTO, 2009, p. 267)

Esse trauma, essa ruptura, essa perda irreparável do exilado é denunciada em muitas narrativas literárias, em especial, nas narrativas que metaforizam ou

representam lugares e pessoas que passaram por situações de guerras, diásporas, colonizações e holocaustos. Nas literaturas do século XX, conforme Said (2003), discorrendo sobre George Steiner, a literatura ocidental do século XX é extraterritorial, feita por exilados e sobre exilados, simbolizando a era do refugiado.

Mwanito se encaixa nesse perfil de refugiado citado por Said (2003). Essa postura extraterritorial, é representada pela imensa vontade que Mwanito tinha de conhecer o lado-de-lá e, ao mesmo tempo, representa o apego ao exílio. “Andámos horas, ignorando perigos. Quando chegamos enfim, ao portão de saída, o meu coração sobrepulou. Estremeci, aterrado. Nunca nos aventuramos tão longe.” (COUTO, 2009, p.62)

Ainda como todo exilado, o narrador também se apegou a pequenos símbolos: as cartas de baralho, uma forma de registro que, mais tarde, seu irmão volta para pegar no acampamento.

> No acampamento, vasculhou por sinais da nossa estada, procurou as secretas anotações que, durante anos, eu rabiscara e enterrara no quintal. Visitou os arruinados edifícios, engravatou o chão como se repassasse na sua alma própria pele, como se as lembranças fossem um tumor oculto do corpo. E resgatou o baralho no esconderijo onde eu deixara. (COUTO, 2009, p. 273)

Ao sair do exílio, o outro lado começa a ficar desinteressante, uma frustração para Mwanito, como se sua busca fosse além daquele lugar. Isso é constatado quando, no momento de sair do acampamento e chegar à cidade, o menino narra sua frustração: “Chegáramos sem que se percebesse onde terminara o mundo rural. Não havia fronteira clara. Apenas uma transição de intensidade, um caos que se adensou: nada mais do que isso.” (COUTO, 2009, p.219)

Existia em Mwanito a necessidade de solucionar a misteriosa morte da sua mãe e entender sua própria história. A maioria deles, dos exilados, sentem essa necessidade, como se fosse uma compensação pelo tempo que passaram presos. Além disso, diferente de alguns testemunhos de exílio, há na história de Mwanito uma complicação maior: seu algoz era seu próprio pai, seu, apesar de tudo, amado pai: ele obedecia as suas ordens como um filho e não como um prisioneiro.

> Conheci meu pai antes de mim mesmo. Sou, assim, um pouco ele. Sem presença de mãe, o peito ossudo de Silvestre Vitalício foi meu único colo,

> sua velha camisa foi meu lenço, seu ombro magro foi minha almofada. Um monocórdico ressonar foi o meu único canto de embalar. Durante anos, meu pai foi uma alma doce, seus braços davam a volta à Terra e neles moravam os mais antigos sossegos. Mesmo sendo ele a estranha e imprevisível criatura, eu via no velho Silvestre o único sabedor das verdades, o solitário adivinhador de presságios. (Couto, 2009, p. 29)

De todos os outros exilados da família, o menino era tratado diferente. Todos tiveram seus nomes trocados pelo patriarca, menos o narrador. Provavelmente porque de todos, ele era a melhor lembrança que Silvestre tinha de Dordalma. "-Não sei, mano, que hei-de fazer se ele gosta que eu fique ali todo caladito? -Você não percebe que isso é tudo conversa? A verdade é que você lhe traz lembranças da nossa falecida mãe." (COUTO, 2009, p.15)

Em *Jesusalém*, o menino era convidado pelo pai para afinar silêncios. Ao sair do cativeiro, da prisão, o menino não se livra do pai, do algoz. A figura do dominador o acompanha.

> Pela primeira vez confessei o que havia muito me apertava no peito: eu herdara a loucura de meu pai. Por muitos períodos era atacado de uma cegueira selectiva. O deserto se transferia para dentro de mim, convertendo a vizinhança num povoado de ausências. (COUTO, 2009, p.275)

Mwanito não consegue se libertar do cativeiro. Não se habitua às práticas sociais de antes. Uma grande parte da sua existência foi dedicada a seu pai. Ele não conseguia se sentir livre do seu pai. Ele estava sempre ali, fazendo Mwanito se lembrar de Jesusalém. Silvestre Vitalício era algoz e testemunha do exílio de Mwanito. O menino, mesmo depois de livre, reconhecia no pai, nas ações, na linguagem significados que só eles, os de Jesusalém, entendiam.

> Quando a volta tudo tinha escurecido, ainda as páginas guardavam o brilho do dia. De regresso a casa, passei a saudar o meu pai ao modo antigo, consoante os mandos de Jesusalém: -Já posso dormir, pai. Já abracei a terra. Talvez, no fundo de mim, eu sentisse saudade da imensa quietude do meu triste passado. (COUTO, 2009, p.256)

Este trecho da narração de Mwanito traz um elemento muito interessante para essa análise: ele fala que as lembranças chegam ao anoitecer. O menino sente

falta dos antigos hábitos do exílio. Ao anoitecer, sem a interferência de registros ou cenas, restam as lembranças. Ao anoitecer, Vitalício, quando estava em Jesusalém, também tinha delírios a noite. O patriarca chamava por Dordalma.

Mwanito se sente como aquele prisioneiro de outrora, sem rastros, sem vestígios, naquele lugar ermo onde tudo era proibido.Através do testemunho de Mwanito, e, tendo a guerra como pano de fundo, Mia Couto, nessa narrativa, apresenta um paraíso “às avessas”. Um homem sai da sua terra com sua família e cria um mundo onde nem Deus pode interferir nas suas decisões. Porém, como se trata de uma obra miacoutiana, a pátria sempre será o cenário metafórico para os conflitos dos personagens: eles não conseguem se livrar da guerra. Mwanito leva Silvestre consigo, pois seu algoz se faz presente sempre como uma marca da colonização. É como se esse dominador dissesse: mesmo se sentindo livre você não se libertou de mim, eu vou te acompanhar, eu faço parte da sua história.

O menino Mwanito é a representação do refugiado da guerra. O homem que se sente vencido por estar no exílio querendo, ao mesmo tempo, recuperar a pátria perdida, não logra o êxito pretendido: o expurgo do passado e a fruição do presente sem culpa. O homem deseja ser livre, mas sua mente permanece exilada, na esperança de um além-mar que não chega nunca. Sentimento de incompletude, necessidade de falar, busca interminável. Independente do tempo, da cultura e da sociedade onde aconteceu o evento traumático, a postura do exilado é desenhada por esses sentimentos e discursos. Não importa se houve ninfas, fórmulas ou deuses. O exilado, mesmo que numa nova roupagem, é sempre o mesmo incompleto.

2.0- AFINANDO SONS E ENGOLINDO NOTAS: A SUSPENSÃO DA MEMÓRIA

De que vale ter voz se só quando
não falo é que me entendem?
De que vale acordar se o que é vivo
émenos do que eu sonhei?

(COUTO,2009)

O narrador Mwanito, do romance *Antes de nascer o mundo* de Mia Couto, sugere tratar de aspectos de ressiginificação da história a partir das lembranças. O discurso do narrador, exilado durante uma parte de sua infância, revela lacunas em sua história pessoal, preenchidas pelos relatos de outros, por fatos e rastros que se atropelam e resultam numa história construída por recortes. O menino sentia necessidade de "conhecer para lembrar" e de "lembrar para conhecer". A maior ânsia de Mwanito era lembrar-se da mãe, morta quando ele tinha apenas três anos de idade. Privado de tudo e convivendo com um pai patológico, o menino depende de rastros e testemunhos para ativar suas lembranças e legitimar seu passado.

Neste capítulo observamos as questões que motivaram o pai de Mwanito a confinar a sua família, bem como as estratégias usadas para tentar apagar a memória desses personagens. Além desses aspectos, refletimos sobre os danos causados na identidade dos personagens exilados e os malefícios causados por essa suspensão da memória.

2.1-"SILVESTRE VITALÍCIO": PAI, ALGOZ, ESTADO E DEUS

A história de Mateus Ventura não dependeu de monstros ou intervenções divinas e sim dele mesmo para se tornar grandiosa. Dependeu doimenso desejo de esquecer seu passado: um passado trágico, doloroso e vergonhoso. Depois da morte de sua esposa, esse chefe de família "enlouquece". A dor tamanha da perda e a vergonha deixada pelos motivos que resultaram na sua viuvez o impulsionam a se

isolar de tudo. Mateus rejeitou sua condição de sofredor e decidiu criar outro mundo onde ele não seria vítima.

Premido pela necessidade de ter que “matar” sua própria existência, esse personagem tinha consciência de que não adiantava se redefinir sozinho. Aliás, Mateus conhecia as questões que envolveram a morte de Dordalma e quão ligadas estavam à sua família. Não era apenas a memória individual que deveria ser anulada. A memória coletiva envolvendo aqueles personagens também devia ser apagada. Nessa perspectiva, Fonseca (2008, p. 84-85) assegura que “a memória é individual, mas ao mesmo tempo coletiva, ou seja, é construída nas relações que o sujeito estabelece com a sociedade. Lembrar é reconstruir o passado, não em sua totalidade, de determinado grupo”.

Conforme Maurice Halbwachs (1990), o indivíduo depende do grupo social de referência para relacionar-se, criar afetos, julgar e refletir sobre as suas impressões individuais. Assim, o relacionamento com o grupo é essencial para a formação da memória individual do sujeito.

Mateus Ventura, por causa do evento traumático, sentiu que seu *status* de “Patriarca” ou “Chefe de Família” foi ameaçado. Ele falhou e não se enquadrava mais no modelo de chefe de família imposto pelas convenções sociais.

> E nunca mais ele proferiu o nome dela. Nem evocou lembrança do tempo em que tinha sido marido. Queria tudo isso calado, sepultado em esquecimento.- E você me ajude, meu filho. Para Silvestre Vitalício, a minha vocação estava definida: tomar conta dessa insanável ausência, pastorear demónios que lhes abocanhavam o sono. (COUTO, 2009, p.16)

O trauma produziu uma ruptura na história de Mateus: foi o divisor de águas. Ele nunca mais seria o mesmo. Sua identidade enfraquecida entrou em crise. O personagem estava fora dos parâmetros que tornavam sua identidade fortificada e sólida. Mateus precisava encontrar e assumir outra identidade, mesmo que para isso ele tivesse de assumir posturas contrárias às anteriores. Com essa estratégia, o personagem garante sua sobrevivência na nova situação. Essa crise de identidade, segundo Hall (2003,p.9),é o resultado de

> [...] um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. [...] Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um ‘sentido

> de si' estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento -descentração dos indivíduos - tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos - constitui uma 'crise de identidade.

Assim, ao decidir romper com o mundo inteiro, o personagem comprometeu também o destino dos seus familiares. Saiu do convívio social levando a família para morar num lugar ermo o qual ele batizou de Jesusalém, um lugar além de Jesus. Lugar que nem Deus conhecia. A partir dessa viagem começa um longo e doloroso processo de desconstrução identitária. A ordem é descontruir a história para esquecer, apagar.

> Terminara o universo sem espetáculo, sem rasgão nem clarão. Por definhamento, exaurido em desespero. E assim, vagamente, meu pai derivava sobre a extinção do cosmos. Primeiro, começaram a morrer os lugares-fêmeas: as nascentes, as praias, as lagoas. Depois, morreram os lugares-machos; os povoados, os caminhos, os portos. -Sobreviveu apenas este lugar. É aqui que vivemos de vez. Viver? Ora, viver é cumprir sonhos, esperar notícias. Silvestre não sonhava, nem aguardava notícia. No princípio, ele queria um lugar onde ninguém se lembrasse do seu nome. Agora, ele próprio já não se lembrava quem era.(COUTO, 2009, p.22)

A decisão de sair do ambiente onde o trauma aconteceu e se isolar já garantia a Mateus uma atenuação para a dor. Os comentários, os olhares e as lembranças seriam evitados. Os registros e rastros que traziam à tona seu passado ficaram para trás. Ele queria fazer o caminho de volta. No meio do mato, longe de pessoas que pudessem lhe perguntar sobre sua história e de regras que o amarrassem a convenções, Mateus Ventura se sentiu livre. O romance não detalha a delimitação geográfica do exílio desses personagens. Sabe-se apenas ser longe, mas não longe o suficiente para que o Tio Aproximado não pudesse trazer mantimentos para a família. A falta de delimitação de local exato, bem como do decorrer do tempo dentro do confinamento, dá uma significação especial à narrativa porque simboliza o gênesis quando "a terra era sem forma e vazia e o espírito de Deus passeava sobre a face do abismo". (Gênesis 1:2) Esse lugar, como o próprio nome do romance editado no Brasil afirma, é o lugar que existia "Antes de Nascer o Mundo".

> Meu pai fez do mastro um suporte para um gigantesco crucifixo. Por cima da cabeça e Cristo ele fixou uma tabuleta onde se podia ler; “Seja bem-vindo, Senhor Deus”. Esta era a crença: - Um dia, Deus nos virá pedir desculpa. [...] Vezes perguntávamos: por que estávamos ali, longe de tudo e de todos? Meu pai respondia: -O mundo acabou, meus filhos. Apenas resta Jesusalém. (COUTO, 2009, p.20-21)

Ali Silvestre Vitalício experimentou a liberdade de recriar e ressignificar sua existência. Para o sucesso da reinvenção era preciso igualmente transformar a existência da família, apagando a históriade todos e obtendo, assim, maior controle sobre eles. Criaria novos significados, códigos e existências para garantir que o passado de dor não apagasse completamente. Como assegura Ginzburg (2013),

> Deter a imagem legítima de um passado coletivo pode significar controlar, em uma sociedade, valores, demandas e direitos. A necessidade de fazer parte de campos de negociação da memória, e discutir seus critérios de legitimação, é imperativa se assumirmos uma prerrogativa ética, que consiste em trabalhar para que os horrores do passado não se repitam. (GINZBURG, 2013, p.12)

Com o controle da situação nas mãos, Mateus Ventura - ou Silvestre Vitalício - pretendia tomar o lugar do criador. Ele controlava seus familiares através de proibições de regras e invenções. Por meio dessa postura,percebe-se uma intromissão ideológica do autor, refletindo sobre as questões de ressignificação da cultura africana. Com o projeto de legitimar uma literatura nacional, o escritor traz a ideia de que, mesmo depois de um evento traumático como a guerra, é possível mudar o mundo, é possível reinventá-lo. Um mundo em que o homem se sinta o protagonista, livre de pressões, convenções, modelos e modismos.

Como vimos no capítulo anterior, o patriarca Mateus Ventura decidiu criar um mundo em que ele dominasse as ações de todos, ditasse as regras e punisse os desobedientes. Porém, a atitude de exilar sua família não garantia que a memória do passado fosse totalmente apagada. O pai de Mwanito usou algumas estratégias para tentar apagar as lembranças e oferecer um mundo que para “ele” era conveniente e pacífico.

O desejo de apagar o sofrimento, ou seja, de esquecer o passado é representado na literatura de diversas formas desde a Antiguidade. Ter o poder de

apagar o sofrimento e programar a memória somente para trazer à baila momentos agradáveis é um dos grandes anseios do homem.

Na Grécia, segundo a mitologia, o rio do submundo representava o esquecimento. *Letes* era o nome de uma deusa que fazia par contrastante com *Mnemosyne*, mãe das ninfas e deusa da memória. Na interpretação genealógica desse mito, Lete é o rio do submundo com o poder de apagar as lembranças daqueles que mergulhassem em suas águas, como apresenta Weinrich (2001):

> Lete (ele ou ela) é sobretudo o nome de um rio do submundo, que confere esquecimento às almas dos mortos. Nessa imagem e campo de imagens o esquecimento está inteiramente mergulhado no elemento líquido das águas. Há um profundo sentido no simbolismo dessas águas mágicas. Em seu macio fluir desfazem-se os contornos duros da lembrança da realidade, e a assim são liquidados. (WEINRICH, 2001, p.24)

Segundo o geógrafo Pausânias, a fonte de Lete ficaria na Boécia, localizada ao lado da fonte que borbulha ao mesmo tempo o rio da deusa da memória. Os autores antigos acreditam no mito de Lete, admitindo que as almas saciadas em suas águas teriam uma nova vida, um renascimento. Seria como um batismo que algumas Igrejas cristãs pregam: “o batismo é morrer para o mundo e renascer para Cristo”. A história do rio Lete é referida por Virgílio, quando Dante o descobre, e por Milton (1667/1674) em sua epopeia *O paraíso perdido*. Camões também se refere ao rio Lete em seu poema “Ou, em pago das águas que estilei/ as que do mar passei foram de Lete,/ para que me esquecera do que passei.”

Ainda na Grécia, Simônides foi considerado o inventor da Mnemotécnica. Sinômides foi convidado para um banquete e num determinado momento da festa, houve um desmoronamento e ele conseguiu escapar. A memória de Simônides foi fundamental para o reconhecimento das vítimas.Ele auxiliou a identificar as vítimas porque se lembrava do local exato que elas estavam quando o salão desmoronou. Baseado nessa história, Weinrich (2001, p. 32) narra uma espécie de anedota de autoria de Cícero, em que Simônides, orgulhando-se de sua técnica de lembrar, procurou o político Temístocles e ofereceu um treinamento na “arte da memória”, a “mnemotécnica”. O político recusou a gentileza por meio da seguinte sentença: “antes de recordar tudo o que fosse possível, preferia aprender dele aesquecer-se

aquilo que quisesse esquecer". Temístocles deu preferência à arte do esquecimento, rejeitando a proposta de Simônides porque possuía uma excelente memória natural.

Outros artifícios para fazer esquecer encontram-se nos capítulos da *Odisseia* de Homero. Aliás, Homero é o primeiro grego que dá o devido valor ao tema do olvidamento na sua literatura. Ulisses passa por três situações em que é levado ao esquecimento: o encontro com os lotófagos, o encontro com a deusa Circe e o encontro com a ninfa Calipso.

No nono canto, ao chegar à Ilha de Meninx, Ulisses envia alguns homens de sua tripulação para observarem a terra. Esses homens se depararam com a grande hospitalidade e acolhida dos moradores daquela região. Conheceram o fruto Lótus, que tinha um agradável sabor de mel e era regularmente consumido naquele lugar. Daí porque os moradores daquela ilha eram chamados lotófagos (comedores de lótus). Nesse fruto havia um segredo: o poder do esquecimento.

> Esse fruto, além do excelente sabor, tinha a qualidade de conceder esquecimento. E assim, depois de saborearem o fruto lótus, os marujos de Ulisses não apenas esqueceram o objetivo da viagem, o retorno a Ítaca, mas também a missão de reconhecimento da Ilha que Ulisses lhes dera, entregando-se inteiramente ao prazer do saboroso fruto e às doçuras da estada entre os amáveis lotófagos. (WEINRICH, 2001, p.35)

Preocupado com a demora dos seus servos, Ulisses manda procurá-los e os encontra embriagados pelo "esquecimento" e tristes porque tinham que voltar ao navio. Tiveram que ser acorrentados para não voltarem ao encontro dos lotófagos. Ulisses proíbe todos de comerem aquele fruto e dá ordem para partirem rapidamente daquele lugar.

Alguns estudiosos tentaram descobrir mais sobre aquela planta. Pensaram até que poderia ser algum tipo de nenúfar chamado lótus usado no ritual dos mortos no Egito, mas, tudo o que se sabe sobre ela foi o que Ulisses contou. A única certeza é que o lótus, com seu sabor doce, provoca um suave esquecimento que "aqueles que o saboreiam nada desejam tanto quanto continuar vivendo as coisas agradáveis dessa bela presença." (WEINRICH, 2001, p.36)

O encontro com a deusa Circe, no décimo canto, também trata da experiência com o esquecimento. Ulisses desembarca novamente numa costa desconhecida e envia emissários para especular a terra. Esses acabam chegando ao palácio de Circe, uma bela deusa feiticeira que transforma os emissários de

Ulisses em porcos e prende-os num chiqueiro sem perderem a consciência humana. Antes de transformá-los em porcos, Circe deu aos emissários uma bebida encantada que também tinha o poder do esquecimento: *[...] Circe deu aos inocentes emissários uma beberagem encantada que novamente se revela uma droga do esquecimento, pois, como o fruto do lótus, ela apaga a lembrança da pátria.* (WEINRICH, 2001, p.36)

Ulisses, pessoalmente, sai à procura dos emissários. Hermes, mensageiro dos deuses, lhe entrega um antídoto para imunizá-lo contra as malícias de Circe. Assim, o heroi consegue transformar os porcos em homens novamente e anular o poder do esquecimento. Porém, o próprio Ulisses se vê enfeitiçado pelo amor, outro encantamento do esquecimento. Ulisses fica com Circe durante um ano. Enquanto o feitiço faz efeito, ele se esquece de voltar para os braços da esposa. Com a ajuda dos companheiros, ele consegue retomar a viagem, mas sai com o coração partido.

A última experiência que Ulisses teve com o esquecimento foi no seu encontro com a ninfa Calipso. Semelhante ao episódio com a deusa Circe, foi também o feitiço do amor que trouxe o olvidamento a Ulisses. Durante sete anos, Ulisses ficou nos braços da ninfa, mesmo sabendo da sua condição desigual, ele um mortal, ela uma deusa. Quando Calipso está prestes a tornar Ulisses imortal por meio do néctar e da ambrosia, comida e bebida dos deuses, ela é impedida pela ação de Zeus, que lhe manda uma mensagem por Hermes. Com a imortalidade, Ulisses esqueceria toda sua vida terrena.

Além dos relatos de Ulisses, personagem de Homero, sobre o esquecimento, outra droga que também apaga as lembranças, usada pelos gregos, é o vinho. Segundo Eurípides, “espanta as preocupações”. Esse líquido é o precioso “dom dos deuses”, principalmente de Dionísio (em latim, Baco). Também o poeta de Lesbos, Alceu, considera o vinho a melhor das drogas “porque é a droga mais eficiente para esquecer as preocupações.” (WEINRICK, 2001,p.38)

Ainda como droga do esquecimento, citamos a Nepenthes, do Egito, que misturada ao vinho ameniza a dor, o sofrimento, o ódio. Teria sido essa droga usada por Helena de Tróia para olvidar toda a dor causada por sua beleza aos gregos e troianos.

Na velha Roma, moças e rapazes que queriam esquecer iam ao portão da colina, ao lado do templo de Vênus, num sacrário a Lethaeus, o “Amor Letéico”,

nomeado assim por causa do rio mítico do esquecimento Lete. Os jovens corriam para lhe prestar cultos e promessas, a fim de obterem esquecimento.

Na Bíblia, tanto no velho como no Novo Testamento, encontramos vários exemplos onde o tema do esquecimento está ligado ao pacto de fé dos homens com Deus. No período em que Israel estava cativo na Babilônia, por causa da desobediência, o profeta Jeremias escreveu os poemas do livro de Lamentações. Esses poemas expressavam a dor e a angústia que seu povo estava passando. Jeremias desabafa "Quero trazer a memória aquilo que me dê esperança". (Lamentações 3:21) Ele queria esquecer a dor e lembrar apenas de momentos felizes. No Novo Testamento, Paulo afirma que quem está em Cristo é uma nova criatura e que deve esquecer as ações antigas "Assim que, se alguém está em Cristo, nova criatura é; as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo." (2 Cotíntios 5:17)

Além desses exemplos, vários outros encontrados no velho testamento falam sobre esquecimento. Porém, o olvidamento nesses versículos está sempre ligado a algum pacto de fé que o povo de Israel fez com Deus. Israel não deveria se esquecer de cumprir suas obrigações. Israel não deveria esquecer os livramentos e da benevolência de Deus para com eles. Igualmente, não deveria esquecer a Ira de Deus e de sua correção. Esse pacto, esse contrato de fé, estava sempre ligado às ações de "lembrar e esquecer" os feitos de Deus e seguiu o povo de Israel durante todo o velho testamento.

Na Idade Média, o par memória/esquecimento tinha importante papel social. Porque contribuía para legitimar o mito fundante das religiões por meio da repetição dos ritos, bem como propagação dessas ideologias e crenças. A religião tratava o sofrimento como uma punição divina. Essa punição do divino sempre era lembrada para que o homem não desobedecesse à lei de Deus. E ainda, para lembrar ao homem da misericórdia e das bênçãos divinas. A religião das sociedades medievais trazia consigo a promessa da eternidade, de uma vida plena que garantia a libertação de todos os sofrimentos. Nassar (2013), em seu estudo sobre passado, presente e futuro confirma esse pensamento:

> Na Idade Média, o tempo é aquele ligado a uma possível eternidade, com fortes aspectos de religiosidade, em que o tempo terreno é tido como transitório até a morte -lá em cima estava o homem intemporal do tempo eterno. (NASSAR, 2013, p.128)

Conforme Le Goff (2012), nos seus estudos sobre a memóriamedieval,o ocidente reforça a importância dos atos de lembrar e esquecer para o pacto de fé entre o povo de Israel e o grande “Eu Sou” no texto bíblico. O estudioso afirma que, na Idade Média, a memória coletiva das diferentes esferas sociais sofrem profundas mudanças. Essas transformações resultam da propagação do cristianismo como religião e da ideologia “dominadora” da Igreja.

> Cristianização da memória e da mnemotécnica, repartição da memória coletiva entre uma memória litúrgica girando em torno de si mesma e uma memória laica de fraca penetração cronológica, desenvolvimento da memória dos mortos, principalmente dos santos, papel da memória no ensino que articula o oral e o escrito, aparecimento, enfim, detratados de memória (artes memoriae), tais são os traços mais característicos das metamorfoses da memória na Idade Média. (LE GOFF, 2012, p.424)

Segundo o teórico, um dos maiores exemplos de que a religião foi afetada pela memória antiga é o “judaico-cristianismo” que fortaleceu a relação entre a memória e a religião. Tanto o cristianismo como o judaísmo são religiões que foram constituídas historicamente como “religiões da recordação”. Isso porque o objeto de culto dessas religiões é formado pelos atos divinos (os ritos) do passado e pelo discurso tradicional do livro sagrado, que prima pela necessidade da lembrança como fundamento religioso. O livro de Deuteronômio no Antigo Testamento tem em sua essência o dever da recordação e a memória constituinte. É como se Javé fosse reconhecido por essa memória, esse mito fundante da identidade judaica. Esse reconhecimento não pode ser esquecido.

> Guarda-te que não te esqueças do Senhor teu Deus, deixando de guardar os seus mandamentos, e os seus juízos, e os seus estatutos que hoje te ordeno; [...] Se eleve o teu coração e te esqueças do Senhor teu Deus, que te tirou da terra do Egito, da casa da servidão; [...] Antes te lembrarás do Senhor teu Deus, que ele é o que te dá força para adquirires riqueza; para confirmar a sua aliança, que jurou a teus pais, como se vê neste dia. Será, porém, que, se de qualquer modo te esqueceres do Senhor teu Deus, e se ouvires outros deuses, e os servires, e te inclinares perante eles, hoje eu testifico contra vós que certamente perecereis. (Deuteronômio 8:11,14, 18-19)

Os versículos a seguir trazem consigo também essa obrigação de lembrar. Recordar a ira de Deus Javé contra a desobediência: “Lembra-te, e não te esqueças, de que muito provocaste à ira ao Senhor teu Deus no deserto; desde o dia em que saístes do Egito, até que chegastes a esse lugar, rebeldes fostes contra o Senhor;” (Deuteronômio 9:7) Lembrar os feitos de Deus a favor de Mirian durante a saída do Egito: “E te lembrarás de todo o caminho, pelo qual o Senhor teu Deus te guiou no deserto estes quarenta anos, [...]” (Deuteronômio 8:2) Lembrar as injustiças sofridas nas mãos de outros deuses e dos inimigos:

> Lembra-te do que te fez Amalec no caminho, quando saíste do Egito, de como ele, sem temor algum de Deus, estando vós cansados e extenuados, veio atacar-te no caminho, atingindo todos os desfalecidos que te seguiam. Quando, pois, o Senhor, teu Deus, te tiver dado segurança na terra que te dá como herança, e te tiver livrado dos inimigos que te cercam, apagarás de debaixo dos céus a memória de Amalec. Não o esqueças. (Deuteronômio 25:17-19)

Le Goff ainda faz menção ao livro do profeta Isaías, que traz o convite à recordação da promessa (aliança) entre Javé e o povo de Israel: “Lembra-te destas coisas, ó Jacó, e Israel, porquanto és meu servo; eu te formei, meu servo és, ó Israel, não me esquecerei de ti.”(Isaías 44:21) Todo esse campo semântico de palavras ligadas à memória e a história do judaísmo presentes no discurso bíblico reafirmam o contrato de fé entre o povo judeu e o Deus Javé. A memória como caráter essencial do contrato. Por isso, o teórico afirma que “O povo hebreu é o povo da memória por excelência.” (LE GOFF, 2012, p.425).

Consoante aos episódios descritos no Antigo Testamento, a memória também é um artifício usado para ligar o homem a Deus no Novo Testamento. Constatamos isso através de alguns episódios em que Jesus Cristo dá ordens aos discípulos. Le Goff cita o episódio da Última Ceia para mostrar que o próprio Jesus ordena que aquele rito seja repetido em sua memória. Apesar de esse episódio ser citado nos quatro evangelhos, apenas em Lucas está registrada a ordem ritualística de Jesus: “E, tomando o pão, e havendo dado graças, partiu-o, e deu-lho, dizendo: Isto é o meu corpo, que por vós é dado; fazei isto em memória de mim.” (Lucas 22:19). A memória também se perpetua a partir do ensinamento do evangelho. Paulo, ao escrever a Timóteo, incentiva-o ao ensino e à propagação da instrução

cristã: “E o que de mim, entre muitas testemunhas, ouviste, confia-o a homens fiéis, que sejam idôneos para também ensinarem os outros”. (2 Timóteo 2:2).

Como vimos, o par contrastante memória/esquecimento teve um papel fundamental para a formação ideológica e religiosa das sociedades antigas. Papel não diferente nas sociedades contemporâneas, porém, com outras configurações. A tecnologia e a globalização aceleraram a postura do homem contemporâneo. Essa nova configuração causa instabilidade, incerteza. Bauman(2003, p.19) assegura que “A paz de espírito, se a alcançarmos, será do tipo até segunda ordem”. O homem nunca alcançará a paz. Sempre tomará a postura de “buscar algo” que ele não sabe “como”, nem “o que”, nem “quando” encontrará. Incompleto, o sujeito foge da incerteza, mas, não consegue a plenitude, como afirma Bauman em *A arte da Vida* (2009),

> A incerteza é o habitat natural da vida humana – ainda que a esperança de escapar da incerteza seja o motor das atividades humanas. Escapar da incerteza é um ingrediente fundamental, mesmo que apenas tacitamente presumido, de todas e quaisquer imagens compósitas da felicidade. É por isso que a felicidade “genuína, adequada e total” sempre parece residir em algum lugar à frente: tal como o horizonte, que recua quando se tente chegar mais perto dele. (BAUMAN, 2009, p. 31-32)

Segundo Bauman (2007), o sujeito que vive na época da liquidez se torna “coisa” a ser consumida até ser trocado por outro, é a era do homem-objeto. Nesse processo, o homemé facilmente substituível, como um produto que sai da prateleira.A condição humana é esquecida e a identidade do sujeito é invadida e devastada. Na era da liquidez não existe singularidade humana. O indivíduo é despersonalizado, mergulhado numa crise identitária e numa realidade provisória.

> A vida na sociedade líquido-moderna é uma versão perniciosa da dança das cadeiras, jogada para valer. O verdadeiro prêmio nessa competição é a garantia (temporária) de ser excluído das fileiras dos destruídos e evitar ser jogado no lixo. (2007,p.10)

Os fatos para o sujeito da era líquida se tornam instantâneos. O sujeito troca de posturas como troca de roupa. Nessanova configuração, o tempo é contado de forma diferente. A tecnologia traz novas formas de registros e, na mesma

proporção,à necessidade de rever os valores posto que o homem contemporâneo vive numa fluidez, como assegura Beatriz Sarlo (2005):

> Hoje o tempo é mais fluido. A aceleração que afeta a duração das imagens e das coisas afeta também a memória e a lembrança. Nunca como hoje a memória foi um tema tão espetacularmente social. [...] Trata-se, também, da recuperação das memórias culturais, da construção de identidades perdidas ou imaginadas, da narração de versões e leituras do passado. O presente, ameaçado pelo desgaste da aceleração, converte-se, enquanto transcorre, em matéria da memória.(SARLO, 2005, p.95-96)

A necessidade de registrar e relembrar os valores e a memória de um povo está na postura das sociedades que sofreram grandes tragédias e destruições, como os países que passaram pela guerra. Existe nesses países o desafio de reconstruir a sua história. É nessa perspectiva que o projeto literário das ex-colônias portuguesas em África trabalha.

Unir a história e a tradição, construindo uma identidade nacional, utópica e homogênea. Essa relação conflitante entre o velho e novo está presente em toda obra de Mia Couto. Maria Nazareth Soares Fonseca (2008) confirma que

> [...] percebe-se um movimento no interior dos textos literários, empenhado em construir histórias nacionais, reinventando as fronteiras artificialmente criadas pelos portugueses. Manter tais fronteiras, só era possível nos diferentes mapas da geografia, que partilharam o continente africano segundo o interesse dos europeus. [...] Trata-se, antes, de estratégia política por meio da literatura de afirmação de uma África que se quer múltipla, embora respeitadas suas individualidades nacionais, tanto para africanos como para o mundo globalizado. (FONSECA, 2008, p.104)

A Independência trouxe, entre outras, o surgimento de “comunidades imaginárias” e a ânsia de representá-las frente a outras nações. O método de “narrar” a nação resulta em constituir essa nação e pensar como será sua relação com a sociedade.

O romance africano tem um caráter autobiográfico e um dialogismo estruturado a envolver o contador e o ouvinte por meio de produções com formas breves, provérbios, adivinhas, característica da escrita dos autores africanos. Essa literatura traz consigo o discurso do contador de histórias diluído na forma de narrar: interferindo e distanciando-se da história.

O romance moçambicano se desenvolveu na década de oitenta e teve sua produção mais intensificada depois da Independência, quando o país passou pelo processo de reconstrução da nação, ao passo que lutava contra o imperialismo português. Nesse contexto, a literatura teve a função de reflexo, por ser "componente central da identidade cultural de todos os estados-nação modernos", como assegura Patrick Chabal. (1994, p. 15) Contudo, foi através do uso da língua colonial europeia, o português, que a literatura moçambicana cresceu. Os autores moçambicanos usavam em suas narrativas expressões e construções das línguas locais buscavam corromper o "idioma", instrumento de poder do colonizador. Caracterizando a literatura de Moçambique como uma literatura política e engajada em ludibriar o colonizador e denunciá-lo com suas próprias armas. Segundo Laranjeira (1992), a literatura africana reflete o processo de construção de um novo poder político que foi progredindo:

> […] Os homens que escrevem são os mesmos que pensam e que politicam. E fazem-no em português, domesticando a língua em função das suas virtualidades e finalidades, criando literaturas nacionais numa língua internacional. (LARANJEIRA, 1992, p.14)

Mesmo sendo desenvolvida por meio de uma língua estrangeira, a literatura moçambicana apresenta formas narrativas subversivas às do colonizador para acompanhar o projeto de descolonização cultural. Nesse modelo de narrativa, apresenta-se um narrador que está sempre entre dois mundos. Além disso, a memória tem lugar especial nessa literatura bem como as questões relacionadas com a construção da identidade.

É a partir dessa literatura subversiva ao modelo europeu que Mia Couto em sua ficção valoriza traços da memória telúrica, da oralidade e da cultura de Moçambique, ao mesmo tempo em que denuncia os conflitos sofridos pelos moçambicanos num cenário pós-guerra. A memória, o silêncio, o esquecimento e a identidade são temas presentes não somente em suas narrativas como também em seu discurso. O próprio Mia Couto afirmou, em algumas entrevistas que o povo moçambicano decidiu "silenciar", decidiu não falar mais sobre a guerra. O escritor afirmou que isso não foi uma decisão imposta ou combinada. Essa escolha é a tentativa de esquecer o trauma e reconstruir o "mundo". Assim, a literatura de Mia

Couto se apresenta de forma histórico-social e onírica como afirma Carmem Lúcia Tindó Ribeiro Secco (2013):

> A ficção de Mia Couto envereda por essa mesma direção, operando também com duas vertentes: a histórico-social e a onírica. Esta se apresenta como uma maneira alegórica de denunciar as contradições presentes na sociedade moçambicana pós-colonial, ao mesmo tempo em que reagencia formas multiculturais advindas do passado. Habitar oniricamente e outrora é mais que recuperá-lo pelas lembranças, é viver espaços desaparecidos sob as ruínas, resgatando fragmentos perdidos e soterrados das tradições [...] (SECCO, 2013, p.49)

A literatura de Mia Couto apresenta os ranços que a colonização deixou. Misturada à representação de identidade plurifacetada imposta, o discurso do escritor denuncia também a pobreza e a exclusão social: “Da ruptura das identidades, não emergiu uma nação plural, mas sim as condições dramáticas de sobrevivência de seu povo. A nação perdeu-se nos labirintos de extrema pobreza.” (SARLO, 2005, p.17)

Posto isso, não apenas em *“Jesusalém”*, romance editado no Brasil como *“Antes de Nascer o Mundo”,* o par contrastante memória/esquecimento divide espaço. A narrativa subversiva e denunciadora de Mia Couto tem em seu foco promover uma literatura “nacional" que trate dos conflitos históricos de uma Moçambique pós-guerra e que também resgate suas origens. O escritor dá voz aos personagens que foram silenciados pela guerra e, ao mesmo tempo, escolheram silenciar para esquecer.

Vitalício, pai de Mwanito é a metáfora dessa angústia entre o passado e o presente. Personagem que transita entre a dor e a liberdade, também representa a postura pós-colonial, o colonizador que, para resolver seus anseios, passa por cima de tudo e impõe regras e modelos. Ele simboliza o homem colonizado que sofreu um evento traumático. O homem está descrente de Deus e do futuro. Toda essa carga de ideias constrói esse personagem de Mia Couto. É o anseio humano de reconstruir o mundo, de reinventar a fim de se afirmar como pessoa plena, independente. Livre de regras, instituindo ele próprio a sua bandeira, a sua liberdade, ou seja, a sua utopia.

2.2-APAGANDO NOMES, HISTÓRIAS E EXISTÊNCIAS

Mateus Ventura se tornou Silvestre Vitalício. Um ditador violento e patológico que não suportava ser contrariado. Ele retirou sua família do convívio social e trouxe-a para uma prisão no meio do mato, num lugar ermo, sem registros, sem lembranças. Jesusalém era o nome desse lugar criado por ele. Nesse paraíso "às avessas", o chefe da família cria regras, leis e valores a fim de romper com sua história. Essas regras eram obedecidas pelos membros de sua família, que temiam sua loucura e suas ameaças.

> Meu velho, Silvestre Vitalício, nos explicara que o mundo terminara e nós éramos os últimos sobreviventes. Depois do horizonte, figuravam apenas territórios sem vida que ele vagamente designava por "Lado-de-Lá". Em poucas palavras, o inteiro planeta se resumia assim: despido de gente, sem estradas e sem pegada de bicho. Nessas longínquas paragens, até as almas penadas já havia extinto. (COUTO, 2009, p.11)

Em sua nova condição, nova existência, Vitalício utilizou muitas estratégias para fazer com que a sua família esquecesse o passado e vestisse de vez essa nova existência, essa nova vida inventada por ele. Como já era previsto, o plano de Vitalício falhou porque não se pode apagar o passado. Mesmo Mwanito sendo pequeno, ele convivia com pessoas que se lembravam de sua mãe, de sua história. Porém, Vitalício conseguiu causar muitos danos e, de certa forma, adiar a realidade, uma realidade que causava dor.

Nesse tópico, observaremos essas estratégias, "tentativas de apagamento" usadas por Silvestre Vitalício, bem como as consequências causadas por elas. Além dessas questões, observaremos a memória que foi adiada, que não foi vivida pelos personagens exilados, a que chamamos "suspensão da memória".

Inicialmente, percebemos que, além dessas questões relacionadas ao passado e ao esquecimento, o narrador escreve essa história no tempo posterior ao exílio, quando está já afetado por esse confinamento e deixa transparecer marcas de um "sentimento de incompletude" em sua narrativa, próprias de um exilado.

No confinamento, foi o narrador-personagem que mais sofreu danos na memória. Os personagens mais velhos já tinham referências e registros bem

definidos. Já existia uma memória coletiva que envolvia esses personagens. O menino de três anos não conseguia administrar em sua memória os fatos e os registros de antes. Longe de sua casa e do convívio da sociedade, as lembranças tendiam a se apagar da sua memória frágil. Sem estímulos torna-se difícil lembrar dos fatos. Porém, Aristóteles (452) assegura que mesmo que alguém não se lembre imediatamente de algo, pode relembrar posteriormente, por meio de estímulos que o levem ao objeto de sua busca.

> Ocorre com frequência que alguém não consiga lembrar-se de algo imediatamente, mas que possa procurar pelo que quer e encontrar. Isso acontece quando alguém dá início a vários impulsos, até que um deles seja finalmente o que leva o objeto da busca. Porque a lembrança depende realmente da existência potencial da causa estimulante... (ARISTÓTELES, 452, p. 8-16)

O lugar onde fatos e pessoas existiam, por exemplo, é uma potencial ferramenta para lembrar. A criança, nessa idade, convive mais com sua família e todas as referências guardadas na sua memória dependem dessa convivência. É essa convivência que auxilia a constituição de sua memória individual. Diferente da memória coletiva, que depende de fatos externos para ser constituída, como afirma Le Goff (2012, p.204),*[...] a memória social histórica recebe os seus dados da tradição e do ensino, aproximando-se, porém, do passado coletivo enquanto construção organizada*. Assim, o convívio com seu irmão Ntunzi foi imprescindível para a reconstrução do passado.

O método que Mwanito emprega para contar sua história é a fragmentação. Uma narrativa recortada, como se representasse uma memória cheia de lembranças, mas sem organização temporal. Fatos vividos por ele e testemunhos de outros cimentados por uma infinita melancolia e sensação de vazio. Uma narrativa que transita entre a realidade e a ficção.

Semelhante aos outros narradores de Mia Couto, esse romance é apresentado por um narrador em transe. Um narrador que conta os conflitos entre o passado e o presente. Fatos que se misturam. Uma narrativa complexa, não linear. Maria Nazareth Soares Fonseca (2008), na sua reflexão sobre os espaços ficcionais em Mia Couto, afirma que

> Os narradores miacoutianos misturam tempos, que fogem à homogeneidade do percurso da história legitimada, fazendo aflorar o sofrimento e as catástrofes do passado e do presente, escovando a história a contrapelo pelas artes da ficção. (FONSECA, 2008,p.58)

O romance em pauta seria uma alegoria, um recurso de escuta para ouvir as vozes das vítimas silenciadas pela guerra, vozes de personagens que vivem à margem: “a criança, a mulher, o velho, o mendigo”. Vozes que subvertem espaços e tempos,

> É, pois, a alegoria uma estratégia de construção textual pertinente para falar da terra arruinada, das tradições dilaceradas e da impossibilidade de representação do espaço nacional enquanto totalidade. A produção de sentidos, então, dá-se a partir da disseminação fragmentária, obrigando o leitor a um exercício permanente de deslocamento, afirmando a precariedade das interpretações, apresentando o espaço textual como ruína, como incompletude. (FONSECA, 2008, p.58)

Essa narrativa não linear de Mwanito conduz à ideia de que sua narrativa é quebrada por consequência também do que ele sofreu. Os fatos se misturam. A narrativa transita entre passado e presente porque ele mesmo, o menino, vive numa transição. A linguagem que esse menino utiliza para narrar é fragmentada para representar uma África contemporânea dividida por diversos conflitos, como afirma Fonseca (2008):

> A alegoria é estratégia de linguagem que abre mão de um sentido totalizador pra afirmar-se constitutivamente como sendo da ordem do fragmento, da ruína da significação. Aponta, ainda, para uma temporalidade múltipla, do tempo estilhaçado, não-linear, rompendo com uma História que se quer absoluta, fazendo emergir nos seus interstícios, falas destituídas de poder. (FONSECA, 2008, p.58)

A primeira indicação da narrativa fragmentada nesse romance é sua divisão. A fragmentação, a quebra da ordem que perpassa a temática do romance, caracterizado pelo pós-colonialismo, é representada na estrutura do romance. A fragmentação da narrativa retrata o homem fragmentado na cena pós-colonial. Os capítulos são divididos em três blocos: livro um-a humanidade; livro dois- a visita; e livro três- revelações e segredos. Cada bloco apresenta capítulos com títulos que

podem ser lidos individualmente e, ao mesmo tempo, estão entrelaçados. Essa divisão já adianta ao leitor que a história tem muitos recortes e mais de uma perspectiva de leitura.

A fragmentação da narrativa assegura que Mwanito narrou a história do seu ponto de vista, com lembranças indefinidas, falhas. Ele escolheu os fatos e os arrumou à sua própria conveniência, como afirma Candaü (2012,p.99): “A lembrança da experiência individual resulta, assim, de um processo de seleção mnemônica e simbólica de certos fatos reais ou imaginários”.

Mwanito inicia sua narrativa falando da experiência de ter visto uma mulher pela primeira vez aos onze anos. Ele escolheu começar a história contando esse fato porque foi uma experiência que marcou sua vida. Em Jesusalém, o menino convivia apenas com homens e todos os assuntos referentes à figura da mulher eram proibidos.

> A primeira vez que vi mulher tinha onze anos e me surpreendi subitamente tão desarmado que desabei em lágrimas. Eu vivia num ermo habitado apenas por cinco homens. Meu pai dera o nome ao lugarejo. Simplesmente chamado assim: Jesusalém. (COUTO,2009, p.11)

O capítulo I do primeiro bloco, intitulado “Eu, Mwanito, o afinador de silêncios” apresenta o menino Mwanito. Um narrador com necessidade de explicar ou contar como e porque foi parar naquele lugar. Essa necessidade de contar é uma marca do exilado. A sensação de vazio e de incompletude cria uma ideia de dívida para com a mãe pátria. É vivida como culpa por ter sido incapaz de conviver no seu lugar de pertença. Essa dívida nunca vai ser paga porque ele não pode mais viver algo fora do tempo. O exilado volta ao local de origem, mas o tempo foi perdido.

> O corpo e o tempo estão ligados: uma vida é um corpo no tempo. A dívida é também uma dívida de tempo porque, quando o corpo não recebe aquilo de que necessita, o tempo se torna abstrato, inapreensível pela experiência: um corpo que sofre sai do tempo e da história, perde a possibilidade de projetar-se adiante, apaga os sinais de suas recordações. (SARLO, 2005, p. 15)

Ao ouvir sua história e sua ocupação de “afinar silêncios”, fazemos imediatamente a relação direta com o esquecimento. Mwanito, o afinador de

silêncios, recebeu do pai a tarefa de silenciar a fim de esquecer o seu passado. Apagar os fatos da memória da sua família e criar outro mundo, outra existência para ela com regras e leis que lhes era conveniente, era o projeto de Silvestre Vitalício.

O objetivo de Vitalício era, antes de tudo, apagar o passado e anular o futuro, posto que sua história estivesse marcada e a única alternativa era recriar a história para dar uma satisfação a si próprio de uma dívida que não conseguiu ser paga. Sua família foi destruída e ele precisava tomar uma atitude. Nem que para isso ele se tornasse rebelde e violento.

> Sem tempo para fazer projetos, sem futuro, os corpos correm os riscos impostos pela dívida não-paga: a violência, a ruptura de todos os laços sociais, a selvageria da droga são desafios vistos como se fossem a única afirmação possível da identidade. Quando se rompe a expectativa de um tempo futuro, quando ninguém se sente nem mais credor nem titular de direitos, os corpos usam a violência para se rebelar. (SARLO, 2005, p.15-16)

Os danos sofridos por Mwanito foram muito profundos porque ele passou mais tempo exercitando o esquecimento do que a lembrança. O passado que Mwanito conta é o tempo do exílio. É como se nada antes desse tempo existisse. É como se ele tivesse nascido naquele tempo do confinamento. Foi naquele lugar e tempo que Mwanito formou boa parte da sua memória individual e viveu a infância. Suas perspectivas em relação ao futuro eram incertas porque ele não sabia se iria sair e quando iria sair daquela condição. Durante aproximadamente oitos anos, o menino fez as mesmas coisas: varria folhas por cima das trilhas para apagar caminhos, abraçava o sol todas as manhãs e, principalmente, afinava silêncios.

Candaü (2012) destaca que “(...) a memória confere ao tempo uma extensão maior, esforçando-se em eternizar o passado, como se pode observar em lembranças do ritmo de um ritual”. (CANDAÜ, 2012,p.88).Mwanito não podia eternizar seu passado porque foi arrancado da sua história quando era muito novo.

Registros e fatos novos foram armazenados em sua memória para substituir os anteriores, não muitos. Impedido de repetir ações e práticas que o ligavam ao convívio social e à sua história, Mwanito foi desaprendendo o modo de viver numa sociedade. Ele foi esquecendo como era viver na sua própria casa, na sua própria pátria.

> É possível que alguém se sinta como integrante de uma nação se esse sentimento não é articulado por símbolos concretos de pertencimento? [...] A nacionalidade não é apenas imaginária. Ela está inscrita materialmente nos corpos. (SARLO, 2005, p.16)

O esquecimento, para Silvestre Vitalício, significava "apagar completamente". Segundo o pensamento de Rossi (2010, p. 32), "apagar também tem a ver com esconder, ocultar, despistar, confundir vestígios, afastar da verdade, destruir a verdade". Silenciando o passado, o patriarca ficaria livre para incutir novas regras, registros e referências, a fim de instituir esse "novo mundo" durante o confinamento.

O processo de desconstrução da identidade daquela família continuava. Depois de retirar sua família do convívio social, Mateus Ventura tratou de criar novos nomes para os personagens, tornando-as novas pessoas, atribuindo-lhes novas identidades. Os novos nomes foram escolhidos por ele. Para instituir esse novo nascimento, Vitalício criou um ritual:

> Rebaptizados, nós tínhamos outro nascimento. E ficávamos mais isentos do passado. A mudança dos nomes não foi uma decisão de implementação ligeira. Silvestre preparou um ritual com pompa e circunstância. [...] Com o pé raspou a areia molhada até que não ficasse vestígio. Rectificado o lapso, anunciou com voz grave: - Agora, à cerimônia de desbaptismo. E fomos convocados um por um. E foi assim: Orlando Macara (nosso querido Tio Madrinho) passou a tio Aproximado. O meu irmão mais velho, Olindo Ventura, transitou para Ntunzi. O ajudante Ernestinho Sobra foi renomeado como ZacariaKalash. E Mateus Ventura, meu atribulado progenitor, se converteu em Silvestre Vitalício. Só eu guardei o mesmo nome: Mwanito. (COUTO, 2009, p.38-39)

O próprio Mwanito afirma que, a partir desse batismo, os personagens tinham outro nascimento. Suas identidades foram mais uma vez atacadas. Essa crise da identidade do homem perpassa a ficção de Mia Couto porque, como já foi dito, as personagens estão sempre em transe.

> Os romances de Mia Couto esboçam essas identidades em crise, constituição sempre cambiante na história, que se faz pulsar, contrapontística e sucessivamente, reproduzindo seu singular desenho melódico. Personagens retornados, pelos quais e revelam identidades insuspeitas ou recalcadas da nação, têm recorrência significativa em seus textos. (FONSECA, 2008, p.86)

Mwanito é o único personagem com seu nome original conservado. Silvestre Vitalício explicou que não mudara o nome do menino porque ele, o afinador de silêncios, ainda estaria nascendo. Talvez Vitalício não quisesse apagar de todo o passado. Ao rebatizar os membros de sua família com outros nomes, Silvestre instaura uma nova família, uma nova realidade.

No ensaio *Jesusalém: a viagem interior de Mia Couto,*Ungulani Ba Ka Khosa discorre sobre a significação dessa mudança de nomes feita por Silvestre aos seus familiares.

> O mais novo mantêm-seMwanito, diminutivo de rapaz em chissena, língua do centro do país, por o pai achar que ... ainda está nascendo. Formaliza-se, na ordem simbólica, o destino dos personagens, dando, por conseguinte, sinal de partida e coerência ao que Vitalício dissera ao Mwanito, o afinador de silêncios: ... vocês não podem sonhar nem lembrar. Porque eu próprio não sonho, nem lembro. Quer-se inaugurar uma nova ordem, uma nova gramática, uma sintaxe fora do mundo caótico, desordenado, onde outrora viveram. Para tal é preciso instaurar um mundo, uma humanidade no dizer do autor. Jesusalém é o espaço demarcado, o nicho que se quer diferente. (KHOSA, 2013, p.35)

Antes de tudo, Khosa percebe o romance de Mia Couto como uma viagem interior, para fugir da realidade, fugir de si mesmo. É como se a narrativa instaurasse um mundo novo, moldado ao seu gosto, e ele pudesse adotar o papel de Deus. Uma nova linguagem, uma nova estrutura, uma nova ordem. A partir de uma leitura intertextual do romance, cotejando-o com o *D. Quixote* de Miguel de Cervantes, Khosa assegura que os personagens dessas histórias, além de decidirem viajar para uma terra distante, riscaram damas da memória e apresentaram, cada um a seu modo, verdades relativas. Nessa perspectiva, existe mais de uma verdade, conferindo ao texto um caráter próprio do romance moderno: o traço da ambiguidade.

> Em Cervantes, D. Quixote sai para o mundo, desfazendo injustiças e protegendo damas, personificadas pelo amor imaginário pela Dulcineia Del Toboso. Em Jesusalém, os personagens saem do mundo e pervagem pelos labirintos da vida interior, esquecendo injustiças e riscando damas da memória. Em Cervantes o Fidalgo D. Quixote, acompanhado do seu escudeiro Sancho Pança, quer endireitar o mundo. Em Jesusalém, Silvestre Vitalício e o serviçal ZacariaKalach, escudeiro nos modernos dizeres, querem sair da História, da selva dos tempos modernos. Nos dois a viagem. Num, o imaginário à realidade, noutro, da realidade nua e crua, sangrenta, ao imaginário interior. (KHOSA, 2013, p.33)

Ambiguidade porque existia a dicotomia passado/presente, exterior/interior, morte/vida. Na verdade, Silvestre queria utilizar também, a exemplo dos herois da Antiguidade, o esquecimento como droga para apagar a dor do amor. A única alternativa encontrada foi ele mesmo criar o mundo, posto que o mundo que foi criado por Deus só o fez sofrer. Naquela nova humanidade, Deus não poderia ditar as regras. Silvestre sentia como se Deus tivesse falhado como ele e lhe dado um destino cruel, afirmando para os seus: “Um dia, Deus nos virá pedir desculpa,” afirma o personagem ao escrever, por cima da tabuleta indicativa de Jesusalém, a frase: “Seja bem-vindo, Senhor Deus”.

No mundo criado por Vitalício, um único Deus regia a ordem das coisas: era ele próprio. Ele criou aquele universo, aquelas novas criaturas e apenas ele tinha o poder para puni-las ou libertá-las. A punição seria ter seus nomes e existências apagadas da história, semelhante à punição romana aos inimigos do Estado, como já foi citada quando discorremos sobre a *Divina Comédia*. A libertação dessas pessoas consistia em existirem com nomes novos num mundo novo. Na Bíblia, o batismo significa nascer de novo. Ao professar a fé em Cristo, a pessoa confessa desejar abandonar a vida de pecados e ressurgir numa nova vida para seguir Jesus. No ritual do batismo, ao mergulhar nas águas ou molhar a cabeça nas águas, o homem é purificado. Igualmente, em Jesusalém, Vitalício propôs essa purificação, esse batismo, essa nova existência.

Um novo mundo com linguagem, significações, regras e leis novas seria imprescindível para o apagamento das lembranças. Em *O desejo de esquecer,* Fernanda Cavacas (2013), analisando o romance *Jesusalém,* ao estudar os nomes dos personagens, reflete sobre a significação dessenovo batismo, como tentativa de esquecer.

> E, pela voz do narrador, vamos conhecendo os habitantes daquele território, sem lembranças nem culpas, cuja a inauguração obrigou a um rebaptismo, mais adequadamente, um *desbaptismo*, de quase todos os elementos daquela humanidade. (CAVACAS, 2013, p.80) (grifo da autora)

Fernanda Cavacas (2013)chama a atenção para a representação do batismo, quando a mudança dos nomes traça um novo perfil para os personagens. Vitalício cria novos destinos para seus familiares. A significação do nome próprio

traz uma carga particular para o personagem. Os personagens de Mia Couto apresentam uma escrita marcada pelos jogos semânticos.

> Mia Couto continua nesta obra a aplicar a máxima latina: *Nomen omem* (O nome é um presságio) e o baptismo das suas personagens prenunciam-lhes um destino. O ser da personagem depende em primeiro lugar do nome próprio que, ao sugerir uma individualidade, é um dos instrumentos mais eficazes do efeito do real. Ora, uma das áreas de grande criatividade da escrita coutiana é exatamente a do baptismo das suas personagens. Nenhum nome aparece por acaso e somos levados a creditar que neste universo o nome de uma pessoa contém um pouco da sua alma, havendo de fato correspondência entre o caráter dado e aquilo que o autor lhe chama. (CAVACAS, 2013, p.81)

Mateus Ventura transitou para Silvestre Vitalício "o ditador de regras e anunciador de presságios". Ernestinho Sobra, uma sobra que escapara das guerras, tornou-se Zacaria Kalash. Orlando Macara, o meio cunhado que fazia a ligação de Jesusalém com o Lado-de-lá, tornou-se Tio Aproximado. O filho mais velho, Olinto Ventura, transitou para Ntunzi, que significa sombra. O filho mais novo continuou como Mwanito, diminutivo de mwana, menino, filho, rapaz.

Esse rebatismo corresponderia à negação do ontem. Tudo fora apagado: pessoas,lugares, fatos... Joel Candaü em *Memória e Identidade* confirma: "Apagar o nome de uma pessoa de sua memória é negar sua existência; reencontrar o nome de uma vítima é retirá-la do esquecimento, fazê-la renascer e reconhecê-la conferindo-lhe um rosto, uma identidade." A necessidade de apagar o nome de alguém representa o não reconhecimento do outro, a negação da identidade do outro: "na atualidade, não se lembrar do nome de uma pessoa pode parecer uma ofensa para esta última, sobretudo se o esquecimento é manifesto em sociedade".(CANDAÜ, 2012, p. 68-69)

A condição identitária de um homem é negada quando se apaga seu nome, sua história. O homem se reconhece pela sua própria história, pelo meio onde convive e pelos anseios frente ao mundo onde vive. A formação identitária do homem se constitui pela assimilação e apropriação de rituais, crenças, mitos e vários outros elementos vindos da memória coletiva. A memória exerce o papel de construir a identidade do indivíduo. É por meio desses paradigmas que o homem tenta dar sentido ao mundo em que vive, preservar seus valores e cultura, construir

o futuro. Identidade e memória estão intimamente ligadas, como afirma Candaü (2012,p.21):

> As noções de identidade e memória são ambíguas, pois ambas estão subsumidas no termo representações, um conceito operatório no campo das Ciências Humanas e Sociais, referindo-se a um estado em relação à primeira e a uma faculdade em relação à segunda.

Esse ritual, essa legitimação de novos nomes, garantiam a Mateus Ventura uma nova vida e garantiam à sua família mais um avanço no processo de desconstrução da identidade. Um novo nascimento confere ao homem uma chance para esquecer. Weinrich (2001,p.44), ao discorrer sobre "Esquecimento Transcendental e Recordação Terrena", baseado em Platão e Agostinho, afirma:"Pois o nascimento significa esquecimento. Esquecimento total? Isso não, pois nem o mais hábil método de perguntas poderia reviver, pela recordação, os conhecimentos adquiridos antes do nascimento."

Weinrich (2001) fala sobre a possibilidade de esquecer o que houve antes do nascimento numa perspectiva transcendental, levando em conta a hipótese da "reencarnação". Essa ideia pode ser aplicada ao romance em questão, posto que o desejo de Vitalício fosse realmente oferecer uma nova existência, uma nova vida a sua família.

Além da modificação dos nomes dos personagens, o pai de Mwanito impedia seus familiares de exercitarem as lembranças através de rastros, fatos, registros. A Mwanito foi dada a tarefa de afinar silêncios. E nada melhor do que o silêncio como arma para fazer esquecer o passado. Proibidos de cantar, de contar histórias, o que restava para o menino era observar os silêncios.

> Uns nasceram para cantar, outros para dançar, outros nasceram simplesmente para serem outros. Eu nasci para estar calado. Minha única vocação é o silêncio. Foi meu pai que me explicou: tenho inclinação para não falar, um talento para apurar silêncios. Escrevo bem, silêncios no plural. Sim, porque não há um único silêncio. (COUTO, 2009, p.13)

Essa inclinação para não falar, para estar calado, é a principal estratégia de Silvestre Vitalício contra a memória, diferente das histórias da Antiguidade onde os herois eram seduzidos por deusas e tinham o amor, o vinho ou as ervas como droga

para esquecer. Mwanito não foi seduzido por deusa ou ninfa, não bebeu vinho ou provou frutos. Ele foi arrancado da sua vida pelo próprio pai e forçado a não existir. A única e eficaz droga de Silvestre contra a memória era o silêncio: a palavra morta. O silêncio ajudava a esquecer porque o som trazia consigo a repetição e essa repetição de palavras, esse ritual, é um exercício da memória.

Os vários tipos de silêncio aos quais Mwanito se referia eram as várias formas de esquecer o passado. Assim, Matheus não correria o risco de lembrar sua dolorosa história. O silêncio era a arma maior que aquele homem tinha para fazer olvidar e seu filho Mwanito tinha plena consciência dos planos de seu pai e do resultado que o silêncio causava: a anulação da existência, uma não vida.

> Ficar devidamente calado requer anos de prática. Em mim, era um dom natural, herança de algum antepassado. Talvez fosse legado de minha mãe, Dona Dordalma, quem podia ter certeza? De tão calada deixou de existir e nem se notara que já não vivia entre nós, os vigentes viventes.(COUTO, 2009, p.14)

Mateus Ventura sentia a necessidade de esquecer e de fazer esquecer a sua família, mas as lembranças voltavam por meio de sonhos e delírios noturnos. De acordo com Seligmann-Silva (2000), o evento do trauma não é totalmente assimilado em um único momento. O trauma tem o caráter da incompletude. “A característica essencial do trauma é o adiamento, ou incompletude do que não se sabe.” Para explanar melhor essa afirmação, o escritor cita Cathy Caruth em *Trauma-Explorations in Memory*(1995),quando diz que “O evento não é assimilado ou experiência do de forma plena naquele momento, mas tardiamente, na possessão repetida daquele que o experienciou”. (SELIGMANN-SILVA, 2000, p.08-09)

A incompletude, a repetição do trauma de Silvestre era percebida durante a noite. O narrador revela que um dos assuntos mais proibidos naquele exílio era a morte da mãe dos meninos, mulher de Silvestre/Mateus. O homem sempre deixava claro seu ressentimento quando alguém falava sobre isso. No entanto, à noite, os sonhos e delírios de Silvestre Vitalício traziam a repetição dessa dor, dessas lembranças. Em um trecho da narrativa, o menino confessa que, em determinados

períodos, seu pai ficava mais triste e proibia os filhos de saírem do quarto. Provavelmente, eram os meses próximos da data da tragédia.

> -O pai não o quer lá no quarto dele, sabe porquê? Porque morre de medo de ser surpreendido a falar durante o sono.- Falar o quê? -Coisas inconfessáveis. De novo, era Dordalma, nossa ausente mãe, a causa de todas as estranhezas. Em lugar de se esfumar no antigamente, ela se imiscuía nas frestas do silêncio, nas reentrâncias da noite. E não havia como dar enterro àquele fantasma. (COUTO, 2009, p.31)

Os assuntos referentes à Dordalma eram proibidos. Mwanito não entendia porque tinha que esquecer sua doce mãe. Ao mesmo tempo, ele não conseguia se lembrar de seu rosto. Quando o menino perguntava ao pai qualquer informação sobre sua Dordalma, a resposta era sempre simbólica: “Pai, a mãe morreu? -Quatrocentas vezes. Como? -Já vos disse quatrocentas vezes: a vossa mãe morreu, morreu toda, faz de conta que nunca esteve viva. -E está enterrada onde? -Ora, está enterrada em toda parte.” (COUTO, 2009, p. 31-32)

Ao afirmar que Dordalma morreu quatrocentas vezes e seu corpo estaria enterrado por toda parte, além de inexatidão dos fatos, o personagem de Mia Couto sugere, nesse discurso, a mulher como representação da pátria. A mãe morreu quatrocentas vezes, um tempo que pode remeter ao período de ocupação de Portugal em Moçambique. A junção dos nomes dor e alma representaria essa angústia sofrida pelo país por causa da colonização. Mwanito, estimulado pelo irmão, tentava conseguir informações do pai sobre sua mãe. A única ordem que recebia era calar, esquecer.

> -Ntunzi diz que lhe faço lembrar a mãe. É verdade, pai? -É o contrário, você me afasta das lembranças. Esse Ntunzi é que me traz espinhos do antigamente. -Sabe pai, ontem sonhei com a mãe. -Como pode sonhar com alguém que nunca conheceu? -Eu conheci, só não me lembro. -É a mesma coisa. -Mas recordo a voz dela. -Qual voz dela? Dordalma quase nunca falava. -Recordo um sossego que parece, sei lá, parece água. Às vezes penso que me lembro da casa, o grande sossego da casa... (Couto, 2009, p.16-17)

Dordalma era lembrada como uma “puta” pelo esposo. Uma mulher invadida por outros. Por causa do trauma, Silvestre ensinava aos filhos que as mulheres eram todas putas. Não se devia confiar nelas. Não valia a pena conviver com elas.

> Nunca lhe tínhamos escutado tal palavra. Mas foi como se tivesse desatado um nó. A partir de então, o termo puta passou a ser, entre nós, uma outra forma de dizer mulher. E se, inadvertidamente, Aproximado aflorava assuntos de mulher, meu velho arrastava-se pela casa vociferando: - São todas umas putas! (COUTO, 2009, p.33)

Ntunzi, o filho mais velho, culpava o pai pela morte da mãe. Silvestre tratava-o de forma diferente. Mwanito era tratado com amor. Ntunzi, com desprezo e violência. As perguntas de Mwanito eram ingênuas. As perguntas de Ntunzi irritavam Vitalício porque eram irônicas:

> Ntunzi suavizou, sabendo que a pergunta era provocatória: sem mulheres, não nos restava mais semente. O pai ergueu os braços e com eles cobriu a cabeça numa quase infantil reacção. Ntunzi repetiu a frase, como se raspasse unha sobre vidro. -Sem mulheres, não resta semente... A rispidez de Silvestre confirmou a já velha, mas nunca enunciada, interdição: as mulheres eram assunto proibido, mais proibido que a reza, mais pecaminoso que as lágrimas ou o canto. (COUTO, 2009, p.33)

A expressão “como se repasse unha sobre vidro” compara a fala do personagem com um som irritante. Ruim de ouvir. Esse assunto trazia à tona a dor. A traição de Dordalma, o trauma que Vitalício não quer lembrar. A forma de puni-la foi destruir o lar e sua memória, mudando-se. Esquecendo-se dela e fazendo sua família enterrar de uma vez por todas a sua existência. Ela era lembrada pelo esposo como traidora, como uma inimiga. Deveria ser esquecida e ter sua história destruída.

Na *Divina Comédia*, de Dante Alighieri, o esquecimento era a pior das punições aos mortos. Condenação semelhante à *damnatiomemoriae* (prejuízo da memória ou danação da memória), punição por meio do esquecimento empregada em Roma aos governantes e poderosos declarados “inimigos do Estado”. Seus retratos eram destruídos, as estátuas derrubadas, seus nomes removidos das inscrições, os decretos revogados, de modo que ninguém lembrasse a existência daquela pessoa. (WEINRICH, 2001, p. 59)

A única presença feminina que até então era permitida naquele exílio era a jumenta Jezibela. Era com ela que Vitalício aliviava suas necessidades sexuais: “a jumenta Jezibela, tão humana que afogava os devaneios sexuais do meu velho pai”. (COUTO, 2009, p.12)

A essa personagem foi dedicado um capítulo inteiro. Nele, além dos encontros amorosos com Vitalício, Mwanito narra a segunda traição sofrida pelo pai: a jumenta teve um filhote. Essa decepção acelerou a patologia de Vitalício, reacendendo a dor passada. Outra vez traído. Escondeu-se no mato para fugir da vergonha de ter sofrido nova traição. Traído por um animal diante da família que ele tinha reinventado. Vitalício falhou outra vez. Sua identidade e honra foi ferida outra vez pela mesma causa. A mulher é representada pela jumenta como se realmente fosse apenas um objeto, carne para satisfazer os desejos do homem.

Não só o ato de falar era proibido em Jesusalém: os atos de sonhar, lembrar, ler e rezar também não eram permitidos. Tanto sonhar como lembrar era exercícios da memória. O próprio Vitalício revelou que ele evitava sonhar e lembrar, ao explicar o que significava o sonho:

> O sonho é uma conversa com os mortos, uma viagem ao país das almas. Mas já não havia nem falecidos nem território das almas. O mundo tinha terminado e o seu final era um desfecho absoluto: a morte sem mortes. O país dos defuntos estava anulado, o reino dos deuses cancelado. Foi assim que, de uma assentada, meu pai falou. Até hoje essa explanação de Silvestre Vitalício me parece lúgrube e confusa. [...] - É por isso que vocês não podem sonhar nem lembrar. Porque eu próprio não sonho, nem lembro. (COUTO, 2009, p.18)

Além dos assuntos proibidos, algumas práticas foram inventadas por Vitalício para ajudar a passar o tempo e, de certa forma, mascarar sua fortaleza no meio do mato. Uma das tarefas dos filhos era varrer as saídas daquele lugar de modo a escondê-las e de criar um território sem caminhos.

> Porque era um varrer às avessas: em vez de limpar oscaminhos, espalhávamos entre eles poeiras, galhos, pedras, sementes. O que fazíamos, na realidade? Matávamos nos nascentes atalhos, a intenção de crescerem e se tornarem estrada. E assim anulávamos o embrião de um qualquer destino. (COUTO, 2009, p.35)

Outra prática do exílio era observar os ciclos da lua e da terra. Era uma forma de não perder a noção do calendário. Uma forma de saudar o nascimento do sol e homenagear o lugar de pertença. Esse abraço na terra deveria ser praticado todos os dias:

> Os ciclos da lua e do dia eram assunto sério num mundo onde se perdera a noção do calendário. Todas as manhãs, nosso velho inspecionava-nos os olhos, espreitando bem dentro das nossas pupilas. Queria confirmar se havíamos assistido ao nascer do sol. Essa era a primeira obrigação dos viventes: ver emergir o astro criador. (COUTO, 2009, p.36)

Essas proibições e práticas do confinamento não garantiram o apagamento da memória dos personagens. Ntunzi e ZacariaKalash foram personagens fundamentais para a reconstrução do passado de Mwanito. No período do confinamento, esses personagens auxiliaram o menino a manter ativas as poucas lembranças que tinha, a descobrir alguns segredos e a aprender formas de registrar seu passado como veremos posteriormente.

Tio Aproximado, apesar de ser o único que tinha notícias do Lado-de-Lá, não podia ajudar os meninos no exílio porque recebia ordens de Vitalício. Seu carro era sempre interceptado pelo chefe da família antes de chegar ao acampamento.

> Para nós, os miúdos, a chegada de Aproximado era razão de festa maior, uma sacudidela na nossa árida monotonia. O Tio trazia mantimentos, roupas, bens de necessidade. Meu pai, nervoso, saía ao encontro do camião onde se amontoavam as encomendas. Interceptava o visitante antes que o veículo invadisse a vedação que circundava o casario. (COUTO, 2009, p.12)

Esse personagem teve mais participação na vida de Mwanito quando ele sai do exílio. Muitas providências para que o menino volte à vida social foram tomadas por Aproximado. As práticas sociais, os deveres, as regras e os conhecimentos que deveriam fazer parte da vida de Mwanito foram adiados, suspensos por causa do Exílio. Essa suspensão, esse adiamento é representado no romance quando o menino foi surpreendido por seus familiares pela comemoração de datas importantes. Datas que lhe pertenciam individualmente, como o seu aniversário:

> Em cima da mesa estava um bolo com velas espetadas na cobertura de açúcar branco. [...] Nunca antes me fizeram uma festa de anos. A bem dizer, nem me ocorria haver um dia em que eu nascera. Mas eis que ali, na sala sombria da nossa casa, a mesa estava posta com bolos e refrescos, decorada com fitas e balões. Sobre a cobertura do bolo estava escrito meu nome. [...] De repente começaram a cantar e a bater palmas. Percebi que,

> por um instante, era o centro do universo. Por instrução de Aproximado, apaguei, de um sopro, as velas. (COUTO, 2009, p.251-252)

Mwanito não sabia a importância de comemorar datas porque essas também eram exercícios da memória, visto que se repetiam como num ritual e lembravam acontecimentos não importantes em Jesusalém. Ele ficou surpreso com aquela comemoração de aniversário e Tio Aproximado o instruía sobre o modo como devia agir diante dessa nova situação. O menino não conhecia o calendário. Não dava importância para datas comemorativas. Isso não tinha função social para ele. Ele mesmo não via muito sentido em estar naquele lugar. Pensou por muitos anos que a liberdade pudesse lhe trazer felicidade, mas não conseguia se adequar à nova realidade.

Apesar de aprender a ler ainda no exílio, Mwanito não conseguia adequar-se à escola: estava numa turma de crianças menores e percebia que a escola para ele era diferente. “Saía de manhã, fardado a rigor. Mas ficava pelo pátio rabiscando lembranças no meu caderno diário” (COUTO, 2009, p. 256). Estranhava as práticas de sala de aula, o uso do livro e dos cadernos e ao mesmo tempo lembrava como aprendeu a escrever por meio do baralho de cartas e que importância elas tinham para sua história. Ao se deparar com aquelas crianças reunidas, ele se sentiu diferente porque era a única de Jesusalém.

> Não mais esquecerei o meu primeiro dia de aulas, o estranho sentimento de ver tantos meninos sentados numa mesma sala. Mais estranho ainda: era um livro que nos unia horas a fio, tecendo infâncias num mundo envelhecido. Durante anos eu me concebera como o único menino do universo. E durante uma vida essa solitária criança esteve interdita de olhar um livro. Por isso, desde a primeira lição, enquanto tabuada e abecedário fluíam na sala, eu acariciava os cadernos e me recordava do meu baralho de cartas. (COUTO, 2009, p.254)

Mwanito não conseguiu se reintegrar. Continuou a dar valor às práticas do exílio. Contudo, ele reconheceu na escrita uma forma eficaz de registrar sua memória, legitimar um passado mesmo que reinventado e se libertar de seus demônios. Essa última tarefa era dificílima porque o algoz de Mwanito, seu pai, conviveu com ele ainda algum tempo depois do exílio. O menino não via o pai como algoz. Ele o amava, apesar de reconhecer sua loucura e doença. “Hoje, eu sei: meu pai tinha perdido os Nortes” (COUTO, 2009, p.29).

A escrita como registro e a necessidade de falar, de contar, trouxeram algum sentido para a vida de Mwanito. Infelizmente, a libertação do exílio não produziu para o narrador o efeito inaugural a ponto de preencher o vazio. Na verdade, o menino queria entender as razões pelas quais o seu pai tinha praticado tudo aquilo. Sua memória não foi apagada como queria seu pai. Mwanito foi outra vez estimulado a lembrar, a falar, a sonhar. No entanto, essas práticas o levavam ao seu lugar de pertença: *Jesusalém.*

3.0- ALINHANDO SONS: A HISTÓRIA COMO UM MOSAICO

Em criança não nos
despedimos dos lugares.
Pensamos que voltamos sempre.
Acreditamos que nunca é a última vez.

(COUTO, 2009.)

Neste capítulo investigamos os mecanismos mnemônicos utilizados por Mwanito para reaver uma parte de sua memória e legitimar seu passado. Apesar dos danos que o exílio causou, da tentativa de apagamento do mundo anterior empreendida pelo pai, Silvestre, Mwanito não esqueceu totalmente o passado. Durante o confinamento, o menino conseguiu reunir pistas (testemunhos) que ativaram sua memória e tornaram possível a legitimação de um passado "ressignificado".

Somente resolvendo as questões pendentes no passado, Mwanito conseguiria viver o presente e projetar o futuro. Os testemunhos de outras pessoas e os sonhos auxiliaram Mwanito a construir sua memória.Além disso, o papel da mulher que chega como transformadora da dor em esperança torna-se peça-chave no mosaico de lembranças do narrador.

O rio, estrada aberta para o desconhecido, também impulsionou o menino na ativação da memória. A descoberta da escrita como arma produtora de registros dentro do exílio não é esquecida e tem lugar especial neste capítulo. A partir dos estudos de Halbwachs (1990) sobre memória individual e coletiva, observamos como a memória do indivíduo está ligada ao grupo social e possibilita a produção de reminiscências, imagens e lembranças. Já Le Goff (2012) revela que o homem influencia não só na recuperação dos vestígios, mas também na organização desses vestígios. A memória de Mwanito dependia dos outros habitantes de Jesusalém para ser reafirmada. Assim, Mwanito organizou os relatos, criou estratégias e produziu registros, reunindo fragmentos e traços para legitimar seu passado.

3.1-RECORTES DO PASSADO: OS TESTEMUNHOS, OS SONHOS E OS REGISTROS

No Velho Testamento, diante da tribulação, o profeta Jeremias anseia por socorro e desabafa “Quero trazer à memória aquilo que me pode dá esperança.” (Lamentações 3:21) Semelhantemente, Mwanito, o narrador em questão, anseia por sair daquele lugar de esquecimento. Deseja se lembrar da mãe e de sua história, conhecer os motivos que levou Vitalício a se isolar no meio do mato. O anseio de Mwanito era alimentado pelo irmão Ntunzi quando falava sobre as mulheres, sobre a vontade de ir embora e, principalmente, quando o primogênito acusava Vitalício de ter matado sua mãe Dordalma.

> -O cabrão matou a nossa mãe. Sacudi a cabeça, em desesperada negação. Não queria ouvir. E suspirei para que os rugidos dos leões se voltassem a escutar e se sobrepusessem a voz do meu irmão. –Não acredita? –Não, murmurei. (COUTO, 2009, p. 46)

A fim de evidenciar a reconstrução do passado de Mwanito e a ativação da sua memória, recorremos aos estudos de Halbwachs (1990) sobre memória individual e coletiva, posto que o personagem depende das impressões dos outros para evocar parte do seu passado.

Para Halbwachs, o sujeito que lembra habita em grupos de referência. A memória é sempre construída em grupo, porém, quem constrói esse trabalho é sempre o sujeito. A rememoração, fruto das relações sociais, por mais abstrata que seja, pode se transformar em imagem e essa imagem pode se transformar em lembrança viva. Esse processo depende da ausência ou presença de outros, que se constituem como grupos de referência.

Ainda de acordo com Halbwachs, “grupo” refere-se à comunidade de referência de que o indivíduo já participou, com a qual partilhou pensamentos, identificou-se e adquiriu referências. As experiências das relações sociais em grupo produzem imagens e, consequentemente, produzem lembranças. A lembrança é fruto de um processo coletivo porque necessita de uma comunidade afetiva, proveniente das relações dos grupos de referências. Esta unidade “afetiva” é o que

permite ao indivíduo uma identificação com o pensamento do grupo, agir como grupo, pensar e lembrar como grupo.

Mwanito não se lembrava da mãe porque teve pouco convívio com ela, já que foi exilado aos quatro anos. Durante o confinamento, convivia num grupo onde não havia mulheres. Não conseguia identificar traços ou gestos que ativassem o rosto de sua mãe na memória.

Sem reminiscências, o menino não produzia nenhuma imagem que pudesse se tornar lembrança. Conforme Halbwachs (1990), a lembrança está sempre inserida num contexto social preciso. Privado de perguntar, apurando silêncios, ou seja, privado de exercitar sua memória, o narrador dependia do testemunho de outros para reconstruir lembranças. As respostas de Vitalício eram sempre vagas, para confundir a mente do filho e fazer com que ele desistisse de tentar lembrar. “Sabe, pai? Ontem sonhei com a mãe. –Como pode sonhar com alguém que nunca conheceu? – Eu conheci, só não me lembro. – É a mesma coisa. – Mas recordo a voz dela. –Qual voz dela? Dordalma quase nunca falava.” (COUTO, 2009, p. 16-17)

A lembrança é alimentada pelo apego afetivo ao grupo. Assim, a lembrança é reconhecimento de um “afeto já vivido”. A lembrança também é reconstrução porque evoca os acontecimentos do passado de forma não linear e insere esses acontecimentos num contexto atual, para resolver questões e interesses do presente. Por isso, a importância do grupo de referência, a lembrança, depende dessas relações sociais e de um pensamento comum compartilhado pelo grupo. Vitalício, em todo momento no exílio, trabalhava para que sua família esquecesse suas referências e, principalmente, Dordalma, liberando pistas falsas para o menino se confundir.

A lembrança está localizada numa referência espaço-temporal e se apresenta como algo diferente das vivências. Algumas recordações de Mwanito não eram localizadas numa referência espaço-temporal. Em alguns momentos, as repostas de Vitalício eram abstratas, Mwanito não conseguia associá-las às suas reminiscências. O menino não conseguia sequer ter a referência espacial de onde a mãe estava enterrada.

> -Pai, a mãe morreu? –Quatrocentas vezes.- Como? – Já vos disse quatrocentas vezes: a vossa mãe morreu, morreu toda, faz de conta que nunca esteve viva. – E está enterrada onde? – Ora, está enterrada em toda

> a parte. Talvez fosse isso: meu pai vazara o mundo para poder nos encher com as suas invenções. (COUTO, 2009, p.31-32)

A memória é o processo de reconhecimento e reconstrução que atualiza as "situações sociais" nas quais as lembranças são inseridas e se articulam entre si. Conforme Halbwachs (1990), o indivíduo necessita do outro para construir sua memória. O que o outro diz complementa a impressão do indivíduo e o trabalho da memória.

> [...] se nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a de outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse começada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias. (HALBWACHS,1990,p.25)

O testemunho do indivíduo é apoiado no testemunho do outro. O sujeito cria uma impressão individual dos fatos, compara essa impressão com as vivências do passado, os interesses do presente e as experiências dos outros. A partir dessa relação entre o indivíduo com o outro, a memória torna-se lugar de diálogo de diferentes impressões que estão internalizados no indivíduo. Estas impressões auxiliam a reflexão e a lembrança.

O personagem Mwanito precisava do testemunho dos outros para julgar se as suas impressões, as reminiscências sobre o seu passado, tinham acontecido ou eram fantasia da sua mente. Os questionamentos do menino eram tentativas de reunir fatos ou pistas, vestígios que ele pudesse usar como referência para se lembrar. Os outros personagens eram proibidos de responder às perguntas de Mwanito. Porém Ntunzi sempre se atrevia a responder e incentivar as investidas do irmão que temia a violência do pai. O militar Zacaria, semelhante ao personagem do texto bíblico, não falava nada diante da ordem do seu superior.

Para perceber uma situação do presente, o indivíduo evoca o testemunho de sua experiência anterior e as impressões de outros para evidenciar sinais sobre o quê refletir e buscar localizá-los num contexto. Este confronto de testemunhos é fundamentado num tempo e no espaço. De acordo com Halbwachs (1990),

> a memória não tem alcance sobre os estados passados e não no-los restitui em sua realidade de outrora, senão em razão de que ela não os confunde entre si, nem com outros mais antigos ou mais recentes, isto é, ela toma seu ponto de apoio nas diferenças (p.96).

O testemunho do outro reforça o ponto de vista do indivíduo e produz a imagem, resultando daí à lembrança. A diferenciação das lembranças associa-se às divisões do tempo. A divisão do tempo distingue cada lembrança num conjunto de recordações. Estas lembranças não se confundem e podem ser evocadas e confrontadas.

Enquanto o tempo possibilita a imagem da mudança, o espaço possibilita a imagem da permanência. Os lugares são marcados pela presença e ações e vida social dos grupos. Os espaços são testemunho vivo porque trazem consigo tanto as marcas das relações sociais dos grupos como também as ações e impressões individuais de cada membro do grupo no contexto em que estava inserido. Mwanito, diante do barulho da água, tinha impressão de se lembrar da voz da sua mãe e esta impressão o remetia à casa grande. "- Mas recordo a voz dela. –Qual voz dela? Dordalma nunca falava. Recordo um sossego que parece, sei lá, parece água. Às vezes penso que me lembro da casa, o grande sossego da casa..." (COUTO,2009, p.17) Esta relação da água, com a mãe e com a casa, necessidade de voltar ao ventre, é constatada quando o menino consegue atravessar o rio.

Essa relação entre a água e a mãe fazia parte de um construto individual de Mwanito. Funcionava como uma cisma: não decorreu de nenhuma conversa que o levasse a ter essa intuição. A memória individual, neste caso, é percebida como aspecto particular de articulação das impressões, daquilo que o indivíduo consegue intuir.

Mwanito, ao nadar até o outro lado do rio, se encanta com o desconhecido. O rio significa vida, fonte de energia e movimento. "Voltei a mergulhar a mergulhar para me embriagar naquele maravilhamento." (COUTO, 2009, p.28) O rio era ponte que ligava duas condições: a prisão e a liberdade; a morte e a vida. O rio era o único caminho que Mwanito e seu irmão não precisavam varrer para se isolarem. Todos os outros eram desfeitos pela vassoura. Mas o curso da água Vitalício não desfez. Talvez por saber que os meninos não se arriscariam com medo de morrer. "Senti a corrente revolteando em redor do corpo. Ntunzi me deu a mão, com receio de que

eu fosse puxado pelas águas. –Vamos fugir, mano? – perguntei, com contido entusiasmo". (COUTO, 2009, p.26-27)

A experiência com o rio teve uma significação importante na história da reconstrução das lembranças de Mwanito. O rio incentivou-o a conhecer o outro lado. Mergulhar no rio era como mergulhar nas camadas mais profundas da sua memória. O personagem afirma que o rio tem "ventre", como ventre da mãe.

> Nesse remanso, as águas ganhavam surpreendente limpidez. O Ntunzi largou a minha mão e instruiu-me: eu deveria imitá-lo. Então, mergulhou para depois, todo submerso, abri os olhos e, assim, contemplar a luz reverberando na superfície. Foi o que fiz: do ventre do rio contemplei os rebrilhos do sol. E aquele fulgor me encandeou, numa cegueira envolvente e doce. Se houvesse abraço de mãe teria que ter sido assim, nesse desmaio de sentidos. (COUTO, 2009, p.28)

Diferente de Lete, o rio mítico do esquecimento, onde as pessoas mergulhavam para esquecer, o rio sem nome de *Jesusalém* trazia à tona a impressão do abraço da mãe. A água, o ventre, a vida, a liberdade. Como se ele tivesse voltado ao ventre, nascido de novo. Este (re)nascimento remete-nos à história bíblica de Nicodemos, narrada no evangelho de João:

> Jesus respondeu: Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus. Não te maravilhes de te ter dito: Necessário vos é nascer de novo. (João, 3:7)

Nicodemos, doutor da lei, sem entender o que Jesus havia proposto nessa passagem, questionou como era possível voltar ao ventre da mãe para nascer outra vez. O nascimento a que Jesus se referia era espiritual. Nicodemos teria que nascer da "água e do espírito" para entrar no reino dos céus. Neste texto, a água é referente ao batismo e o espírito é adquirir a essência do evangelho de Cristo por meio do Espírito Santo. Mwanito não tinha sido rebatizado pelo pai, como os outros. Mas, diante da água do rio, tornava-se puro, livre e conhecia a oportunidade de um novo nascimento: o outro lado, a fuga daquele inferno chamado cruelmente de Jesusalém.

A descoberta do rio era a oportunidade para fugir. O menino e seu irmão eram instruídos pelo pai a varrer folhas, a fim de desfazer todos os caminhos que levassem para fora de Jesusalém. “Custou-me que nunca me tivesse ocorrido: o rio era uma estrada aberta, um sulco rasgado sem interdição. Estava ali a saída e nós não fôramos capazes de ver.” (COUTO, 2009, p.27) Mesmo sendo proibidos pelo pai de se afastarem do acampamento, Ntunzi sempre se aventurava a ensinar a Mwanito formas de fugir daquele lugar. O rio foi um dos grandes momentos para o narrador porque ele representa um mergulho ao desconhecido, à liberdade.

> -Já teve debaixo de água, miúdo? Neguei com a cabeça, ciente de que não entendia a fundura da pergunta dele. –Debaixo de água- disse Ntunzi - enxergam-se coisas impossíveis de imaginar. Não decifrei as palavras do meu irmão. Mas, aos poucos, senti: a coisa mais viva e verdadeira que acontecia em *Jesusalém* era aquele rio sem nome. (COUTO, 2009, p.25)
>
> Pelo contrário, continuei regressando à curva do rio e, no remanso das águas, me deixava afundar. E ficava tempos infindos, olhos deslumbrados, visitando o outro lado do mundo. Meu pai nunca soube mas foi ali, mas do que em outro lugar qualquer, que apurei a arte de afinar silêncios. (COUTO, 2009, p.28)

A água representa a clareza das ideias; a limpidez; a verdade que estava por chegar. O personagem se sentia feliz, forte, corajoso, seguro e reconhecia nas águas do rio um verdadeiro renascimento - Mwanito sentia paz. Sentia segurança e uma incrível sensação de descoberta.

A escrita também tem um papel fundamental na história de Mwanito e na ressignificação do seu passado. Em dois momentos o narrador discorre de forma especial sobre a importância da escrita na sua vida. O primeiro, quando narra sobre como aprendeu a ler e a escrever escondido das proibições de Vitalício.

> -Me ensine a ler, Zaca. -Se quiser aprender, aprenda sozinho. Aprender sozinho? Impossível. Mais impossível, porém, seria esperar que Zacaria me ensinasse fosse o que fosse. Ele sabia das ordens do meu pai. Em Jesusalém não entrava livro, nem caderno, nem nada que fosse parente da escrita. (COUTO, 2009, p. 40-41)

Zacaria, o velho militar não queria criar problemas com Vitalício. Ao se deparar com Mwanito tentando ler rótulos em russo de antigas caixas de armamentos, o personagem se nega a ensinar o menino a ler e a escrever. Ntunzi, sempre revoltado com as práticas do pai, ao ver seu irmão com ânsia de aprender, decidiu ensinar-lhe a desvendar a vida impressa nos sinais que intrigavam o pequeno. Mais uma vez o pequeno Mwanito encoraja o irmão maior, Ntunzi, a produzir fatos sobre o seu passado, já que ele também o instigou a se libertar daquele lugar, quando lhe apresentou o rio.

> -Pois eu o ensino a ler. Foi o que, mais tarde, disse Ntunzi. Recusei. Era demasiado arriscado. O meu irmão já me estreara a ver, no rio, o outro lado do mundo. Não podia imaginar como reagiria o velho Silvestre caso soubesse das transgressões do seu primogênito. (COUTO, 2009, p.41)

Ao repetir as lições de leitura e escrita, o personagem acaba ativando a memória. Mwanito, ao juntar palavras, tecer frases e parágrafos, notava que tinha tendência para entoar, como diante de uma música. Ele não lia, ele cantava: diante da leitura ritmada, ele estava exercitando a memória. A leitura e a escrita funcionavam como exercício da memória.

> -E foi assim que começaram as primeiras lições. Uns aprendem por cartilhas, em sala de aula. Eu me iniciei soletrando receitas de guerra. A minha primeira era o paiol. As aulas ocorriam na penumbra do armazém, nos longos períodos em que Zacaria, aos tiros pelo mato. Eu já juntava palavras, tecendo frases e parágrafos. Rapidamente notei que, em vez de ler, a minha tendência era entoar como se estivesse perante a pauta de música. Não lia, cantava, redobrando a desobediência. – Não tem medo de sermos apanhados, Ntunzi? – Você deve ter medo é de não saber. Depois da leitura vou ensinar-lhe a escrever. Não tardou que começassem as clandestinas lições da escrita. Um pequeno graveto rabiscava na areia do quintal e eu, deslumbrado, sentia que o mundo renascia como a savana depois das chuvas. (COUTO, 2009, p.41)

A escrita aparece como elemento de libertação porque o indivíduo que sofreu fortes traumas tem a necessidade de contar o que passou. No caso de Mwanito, a urgência de narrar a dor do exílio. Além da necessidade de contar sua história, o exilado guarda dentro de si o medo de retornar ao confinamento, como assegura Jaime Ginzburg (2013):

> Sobreviventes de situações-limite muitas vezes ficam entre a necessidade de falar sobre o que viveram, para que o horror não se repita, e a tensão referente à ideia de reviver a dor, de trazer de volta o sofrimento do passado e, com isso, sentir esse sofrimento novamente. (GINZBURG, 2013, p.11)

Mwanito se sentia como se descobrisse o mundo. Este processo de descoberta do mundo, de releitura da vida, fez com que Mwanito refletisse sobre as posturas de seu pai, sobre a importância que a escrita tinha de registro, como ponte entre o passado e futuro.

> Aos poucos, em entendia as interdições de Silvestre: a escrita era uma ponte entre tempos passados e futuros, tempos que em mim, nunca chegaram a existir. –É o meu nome este?- Sim. Está escrito M-w-a-n-i-t-o. Não consegue ler? (COUTO, 2009, p. 41-42)

O fato peculiar que evidencia a importância da escrita para a construção do passado de Mwanito foi a ativação da memória advindado processo de aprendizagem da escrita. À medida que o personagem juntava letras, palavras e frases nos exercícios da escrita, sua memória também ia juntando, ordenando os traços, os gestos e formando a imagem de Dordalma. As atividades da escrita, a repetição dessas atividades, a organização delas, desencadeou um exercício da memória eficaz. Foi através desse mecanismo, “a escrita”, que o narrador conseguiu relacionar fatos, traços, imagens, lembranças.

> Nunca disse a Ntunzi, mas tinha, na altura, a impressão de que não aprendia com ele. A minha verdadeira professora era Dordalma. Quanto mais decifrava as palavras, minha mãe, nos sonhos, ganhava voz e corpo. O rio me fazia ver o outro lado do mundo. A escrita me devolvia o rosto perdido da minha mãe. (COUTO, 2009, p. 42)

Ntunzi se esforçava para aprimorar a aprendizagem do seu irmão.Conseguiu roubar um lápis de Aproximado e o entregou a Mwanito apresentando-o como uma arma. E, logo após, trouxe um baralho que eram os únicos pedaços de papel de que dispunham naquele lugar. Vitalício não desconfiava das lições dos meninos. Assim, o personagem escreveu seu primeiro diário.

> Na segunda visita de Aproximado, Ntunzi roubou-lhe o lápis que ele usava para anotar as nossas encomendas. Cerimonioso, meu irmão rodopiou lápis na ponta dos dedos e disse-me: - Esconda bem. Esta é a sua arma. –E escrevo onde? Escrevo no chão? - perguntei sempre em sussurro. [...] Pouco depois, reapareceu trazendo um baralho de cartas. -Este será o seu caderno escolar: Se o velho aparece, fazemos de conta que estamos a jogar. –Escrever no baralho? –Há e outro papel por aqui?- Mas com o baralho que nós jogamos? – Exactamente por isso, o pai nunca irá desconfiar. [...] Foi dessa maneira que estreei meu primeiro diário. (COUTO, 2009, p. 42)

O diário escrito nas cartas de baralho foi registro produzido por Mwanito quando ainda estava no exílio. Esse apontamento foi relevante para a constituição da narrativa. Era o único documento que o menino tinha guardado sobre o exílio e produzido no exílio.

> Os rabiscos minúsculos encheram copas, paus, ouros e espadas. Nesses cinquentas e dois quadrilhos verti uma infância de queixumes, esperanças e confissões. No jogo com Ntunzi, sempre perdi. No jogo com a escrita, perdi-me sempre. Todas as noites, depois das anotações, embrulhava o baralho de cartas e o embrulhava no quintal. (COUTO, 2009, p. 43)

Ao sair de Jesusalém, mesmo não se adequando à dinâmica da nova sociedade, o menino começa a frequentar a escola e lá se lembra de como aprendeu a ler e a escrever e sente saudades do exílio. Para surpresa de Mwanito, Ntunzi retorna a Jesusalém e resgata seu primeiro diário, ou seja, as cartas de baralho.

> -Gastei um dia inteiro no meu passado. Um dia em Jesusalém. Foi assim que Ntunzi começou o relato da sua visita. No acampamento, vasculhou por sinais da nossa estada, procurou as secretas anotações que, durante anos, eu rasbiscara e enterrara no quintal. Visitou os arruinados edifícios, engravatou o chão como se raspasse na sua própria pele, como se as lembranças fossem um tumor oculto no corpo. E resgatou o baralho no esconderijo onde eu o deixara. Aquele era o único testemunho da nossa presença. Segurou as pequenas cartolinas, ergueu-as de encontro ao céu como se faz com os recém-nascidos. Parte delas estavam apagadas, ilegíveis. Reis, valetes e damas haviam sido destronados pelos vermes do tempo. (COUTO, 2009, p.273-274)

Ao chegar neste ponto da narrativa, o texto sugere que, com o primeiro diário na mão, Mwanito teria uma boa parte das lembranças do exílio registradas. A surpresa é que as cartas foram danificadas e alguns registros apagados.

> Recolhi as cartas e depositei-as nas mãos de Ntunzi. –Lhe peço, mano, me leia o baralho, me lembre o que escrevi. [...] Meu irmão fazia de conta que decifrava letrinhas entre barbas de reis e túnicas de damas. Eu sabia que ele inventava quase tudo, mas havia muito que ambos desconhecíamos a fronteira entre lembrança e mentira. (COUTO, 2009, p.274)

Assim, os registros produzidos por Mwanito no exílio também sofreram mudanças e deixaram lacunas. Ao pedir para o irmão decifrar as letras escritas no baralho e possivelmente completar as lacunas desses registros, Mwanito estava mais uma vez, alterando o passado. Ele reconhecia que havia mentiras entre as lembranças lidas por seu irmão, mas ele também não conseguia completar as lacunas. E como o “rastro” tem em sua natureza o “inacabamento”, houve lacunas que não foram preenchidas. Mesmo o personagem que escreveu o diário não poderia completar exatamente como era antes, porque suas impressões individuais do exílio, reminiscências e lembranças, agora pertenciam a um tempo longínquo.

O narrador, próximo ao fim da narrativa, afirma sofrer de um tipo de cegueira, talvez delírio, talvez loucura semelhante à do pai. Mwanito escreve textos sobre os possíveis motivos que levaram aquela família ao exílio e descreve um pouco da dor sentida pelo patriarca da família. O menino se apresenta, nesses textos, como Silvestre Vitalício e mostra para o irmão, atribuindo a escrita da carta ao pai.

> Arrumei as folhas e coloquei dentro da pasta. E lhe ofereci o meu livro como meu único e derradeiro pertence. _Aqui está Jesusalém. Ntunzi abraçou a pasta e se adentrou pela casa. Fiquei olhando o meu irmão desvanecendo-se no escuro, enquanto me ressurgiam memórias do tempo em que apagávamos caminhos para proteger o nosso solitário reduto. E me veio à lembrança a penumbra onde decifrei as primeiras letras. E recordei o estrelinhar das luzes sobre o rio. E o riscar os dias no negro muro do tempo. (COUTO, 2009, p.277)

A narrativa não linear de Mwanito, a própria organização dos capítulos deste “Antes de Nascer o Mundo” de Mia Couto, já sugere um ajuntamento de lembranças,

testemunhos e recortes. Capítulos que falam de pessoas, pequenas histórias sem continuidade, sugestões, lacunas, impressões, lembranças e confusões da memória de Mwanito.

A escolha dessa organização de capítulos como sendo histórias recortadas e coladas não segue uma linearidade, mas representa as impressões de Mwanito sobre sua própria história. Os vestígios (testemunhos) arrumados não por datas, mas por uma ordem de importância dos fatos, lembram o contínuo fluxo das lembranças.

Mwanito iniciou a narrativa revelando que só conheceu mulher aos onze anos porque este fato tinha para ele uma significação especial. Na verdade, o desejo do narrador era “lembrar-se da mãe”. Assim, esta releitura da própria história enquadra Mwanito na observação de Le Goff (2012) quando percebe que o homem influencia não só na organização dos vestígios, mas na releitura desses vestígios no processo de reconstituição da memória. Os fatos que marcaram os vestígios terão sempre lugar especial no testemunho de quem conta a história.

O simbolismo das cartas de baralho apagadas, remetendo a um passado também parcialmente apagado, sugere um passado escondido por trás das lacunas e guardado em algum lugar secreto, impossível de ser descoberto na sua totalidade. Nem a escrita, arma maior do narrador, resistiu ao tempo.

A grande descoberta de Mwanito no exílio é a figura feminina. As proibições de Mateus Ventura e a dificuldade de lembrar-se de sua mãe, por conta de sua pouca idade, levaram o personagem a se deslumbrar quando viu a portuguesa Marta. Durante todo o tempo do confinamento, Mwanito procurava lembrar-se do rosto da mãe e não conseguia. Sem estímulos que ativassem sua memória e sem pistas ou registros precisos, a única forma de tentar montar uma imagem feminina em sua memória era através dos testemunhos de outros. Todas as perguntas que o menino fazia ao seu pai sobre sua mãe eram respondidas de forma vaga ou grosseira. A única criatura do sexo feminino que convivia com Mwanito era a jumenta *Jezibela*, alternativa para aliviar Vitalício sexualmente.

A jumenta *Jezibela*, usada para aliviar as masculinas necessidades de Silvestre Vitalício, representaria o conflito que existia entre os pais de Mwanito. Foi por causa de Dordalma que Vitalício se exilou. Dordalma se matou tempo depois de ser estuprada como um animal por muitos homens, condição de vergonha para seu

marido que, além de não ter sido capaz de protegê-la, vivia numa sociedade que repudiava a mulher que passava por tal situação. O estupro tinha marcado Dordalma como uma mulher impura. Porém, este fato teria sido apenas uma parte do segredo que envolvia a mãe de Mwanito. Mateus Ventura já tinha sido traído por ela antes. Ntunzi, o primogênito da família, na verdade, era filho do militar Zacaria. Isso explicaria a presença do militar no exílio com os outros. Ele queria ficar perto do filho, temendo a violência de Mateus. Fugir para o exílio não garantiu a Vitalício o esquecimento da traição de Dordalma. Em Jesusalém, o patriarca da família foi traído pela segunda vez. A jumenta *Jezibela* teve um filhote. Vitalício sentiu de novo a dor da traição porque julgava que era o único a manter relações sexuais com a jumenta. O personagem sentiu de novo a dor da traição e o sofrimento da viuvez quando teve que enterrar a jumenta. Este filhote de Jezibela antecipou, de certa forma, a reedição do ultraje sofrido por Vitalício com a traição de Zacaria. Tanto Dordalma quanto Jezibela, "irmanadas" na mente doente de Vitalício, traíram e procriaram com outros.

A figura feminina está presente no início da narrativa e no fim. O menino revela que se emocionou quando viu uma mulher pela primeira vez. Aos onze anos, ainda no exílio, Mwanito se depara com a figura de Marta. Uma mulher branca, portuguesa, que adentra na mata à procura de seu marido. O leitor se surpreende logo no primeiro parágrafo do livro porque Mwanito fala da descoberta antes mesmo de falar da sua condição de exilado. "A primeira vez que vi uma mulher tinha onze anos e me surpreendi subitamente tão desarmado que desabei em lágrimas. Eu vivia num ermo habitado apenas por homens." (COUTO, 2009, p.11)

Mwanito foi exilado da vida humana, da convivência social, tendo apenas quatro homens como referência. A todo momento, Mwanito presenciava Vitalício afirmar que o mundo havia acabado e que eles eram os únicos sobreviventes. O personagem, exilado da vida humana, vivendo num lugar ermo e esquecido, esqueceu-se dos traços femininos.

Depois de tantas tentativas frustradas para lembrar-se da mãe, descobrir uma mulher, naquele lugar ermo, significou um novo estímulo para sua memória ser ativada. Por meio dos traços e posturas de Marta, a imagem da mãe ganha novos traços. O próprio narrador confessa isso, ao sonhar com sua mãe depois que conheceu a portuguesa.

Como se trata de uma épica moderna, Marta representa o papel das ninfas, das deusas, das fadas que conseguem auxiliar o herói a voltar para sua pátria. Marta era uma criatura doce, bem educada e generosa, não condizendo com o perfil de mulher que Silvestre Vitalício sempre descrevia: todas as mulheres eram putas.

Mwanito transfere um pouco da sua carência materna para Marta, que entende a dor daquela criança em não saber o que houve com a mãe e porque está preso naquele lugar sem ter cometido crime algum. “Desculpe, a senhora é mesmo uma mulher? A intrusa ergueu os olhos, feridos por uma dor antiga. Demorou uma nuvem, sacudiu uma tristeza e perguntou: -Porquê? Não pareço mulher? –Não sei. Nunca vi nenhuma antes.” (COUTO, 2009, p.124-125)

A portuguesa representa, nessa narrativa, a grande redentora da trama. É por meio de suas investidas que Silvestre Vitalício, finalmente, “se deixa” retornar para a cidade. E essa volta representa a tentativa de mudança de atitude do patriarca. Porém, Vitalício não se adaptou à vida social, tornou-se sempre preso ao mundo que ele criou. A mulher foi a grande mola-mestra dessa narrativa. Por causa do sofrimento causado por Dordalma, Silvestre se exilou,só saindo do exílio por influência de outra mulher.

Não havia fatos, rastros, vestígios a serem descobertos sobre a história de Mwanito. Naquele lugar ermo, sem imagens, sem som, sem escrita, sem palavra; o que restava era afinar silêncios, afinar ausências. O único registro concreto que o narrador possuía era seu baralho-diário. E os testemunhos e as ações de Aproximado, Zacaria, Noci, Ntunzi, Marta e Vitalício, que foram essenciais para a reconstrução do seu passado. Fora do exílio, longe de Jesusalém, ao ver as mulheres e tê-las como referência, Mwanito reconhece os traços e os gestos de Dordalma. “E as mulheres: aos tufos, aos molhos, aos turbilhões. Cheias de roupas, cheias de cores, cheias de riso. Envoltas em capulanas como se se vestissem de mistérios. Minha mãe, Dordalma: eu a via em cada corpo, cada rosto, cada gargalhada”. (COUTO, 2009, p.219)

O passado de Mwanito representa um mosaico pela não linearidade da história, trazendo as lembranças sem localização e sem tempo preciso: as cenas e fatos não seguem uma cronologia. Eles são contados de acordo com as impressões e interesse do narrador. Os testemunhos foram primordiais para a ressignificação da história do menino porque eram os únicos vestígios que ele tinha sobre o passado,

porém também eram falhos porque todo rastro é inacabado. Os registros produzidos por Mwanito também falharam porque foram parcialmente apagados pelo tempo. O processo de descoberta da memória foi representado pelas três grandes descobertas: o rio, a escrita e a mulher. O rio representava o inconsciente da memória e trazia as reminiscências; a escrita, a arma primordial para a produção de registros no exílio e exercício da memória; mulher o começo da história, o ciclo da vida, a liberdade e o fim.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mwanito é um personagem representante da “épica moderna”. Foi obrigado a sair de sua terra para outra “além de Jesus”, por questões que ele desconhecia. Semelhante aos personagens épicos, esse narrador de Mia Couto sofre com o conflito memória/esquecimento. O menino é fadado a esquecer de sua história, sua casa e a embarcar numa viagem silenciosa criada pelo pai algoz.

Diferente dos heróis das épicas clássicas, o menino, em sua aventura, não conheceu ninfas nem deusas. Conheceu a portuguesa Marta que representa “esperança de liberdade”. Não foi aterrorizado por monstros, apenas pela violência do pai contra seu irmão e pela estranheza de saber que o próprio pai se aliviava sexualmente com a jumenta Jezibela.

Não experimentou nenhum fruto, bebida ou magia que resultasse na droga do esquecimento. A droga destinada para Mwanito foi o silêncio. Não apenas um, mas muitos silêncios. Silêncios que representam a negação da identidade, as marcas da pós-colonização, a metáfora do colonizado x colonizador, características presentes na literatura de Mia Couto. O personagem afinou todos os silêncios impostos pelo pai algoz, e mesmo vivendo com tanta imposição ele amava seu pai.

O personagem, encorajado pelo irmão, sonhava com a liberdade do exílio e descobriu que ao sair daquele lugar, estaria eternamente preso a ele. Mesmo contando sua história, sendo apoiado e inserido numa nova realidade social, não conseguiu se adequar. Porque tudo aquilo já havia sido suspenso e esse adiamento causou a desvalorização dessa nova realidade.

Mateus Ventura não conseguiu apagar a memória de sua família, nem mesmo a sua. Mesmo com tantas proibições, com o silêncio que ajudava a esquecer. Mesmo trocando os nomes dos seus familiares e fazendo seus filhos varrerem os caminhos. Nas noites de ventania, ele chamava por Dordalma e o passado se fazia presente. A impossibilidade de ser amado pela esposa e os segredos sobre sua morte retornavam nos delírios noturnos de Vitalício. Durante o dia ele proibia a família de falar. Durante a noite ele chamava pelo passado.

Silvestre Vitalício vivia numa terrível contradição. Durante o dia, todos eram proibidos de falar, de lembrar, de exercitar a memória. Quando anoitecia, nas noites de ventania, Silvestre Vitalício era oprimido pelo passado, sua história retornava.

Nessas noites sombrias, ele se tornava outra vez Mateus Ventura, um homem traído pela esposa e incapaz da fazê-la feliz.

Seus familiares não esqueceram o passado. Contudo, as proibições de Vitalício causaram muitos danos a todos, principalmente, a Mwanito que era o mais frágil. Privado de exercitar a memória e impedido de criar registros daquele lugar, o personagem se assemelha ao herói épico por sentir falta de sua casa, de sua mãe, de sua pátria. Os elementos insólitos que rodeavam Mwanito só existiam na mente e no discurso de seu pai, quando dizia que o mundo havia acabado e eles eram os últimos habitantes da terra.

O oráculo que orientava Mwanito não era nenhum deus ou criatura divina. Era Ntunzi seu irmão que lhe deu armas e lhe mostrou a possibilidade de fugir daquele exílio. Foi por meio do irmão mais velho que o narrador descobriu o rio que representava: a vida, a liberdade, o renascimento, a estrada aberta para o lado-de-lá.

Foi através de Ntunzi também que Mwanito descobriu uma arma secreta pra exercitar a memória: a escrita. As lições proibidas de leitura e escrita e suas repetições diárias permitiram o exercício da memória. O personagem que até então afinava silêncios, começou a produzir registros. Porém, a escrita não conseguiu vencer o tempo. O primeiro diário do personagem escrito nas cartas de baralho estava parcialmente apagado. Cartas apagadas que representavam as lacunas na memória. Lembranças que se perderam. Mais uma vez, o personagem se vê na incumbência de reconstruir o passado com o que restou, com as lembranças que resistiram.

A grande descoberta de Mwanito no exílio foi o encontro com a portuguesa Marta. O rio e a escrita vieram por meio de Ntunzi. Mwanito estava sozinho quando conheceu Marta. Por intermédio dessa personagem que a família do menino conseguiu sair do exílio. Além da liberdade, o contato com a mulher ativou a memória de Mwanito e trouxe a tona reminiscências, imagens e lembranças de Dordalma.

Marta tornou-se uma espécie de ninfa, deusa que auxiliou o personagem dessa épica moderna a retornar para a sua pátria. Nada mais justo que fosse através de um personagem feminina que eles tivessem sido libertos, já que foi por

causa de Dordalma que eles foram presos. A mulher nessa narrativa tem um papel fundamental, a mulher está no começo e no fim da história.

Apesar de volta para o convívio social, Mwanito igualmente a Vitalício, não conseguiu se adequar às práticas e sentia falta de Jesusalém. Característica de todo indivíduo que foi exilado. O exílio será sempre o ponto de partida, de referência. Entretanto, ao sair do confinamento, o personagem conseguiu compreender a mágoa de Mateus contra Dordalma.

Os testemunhos dos outros levaram Mwanito a reaver uma parte do seu passado. Contudo, ao se libertar do confinamento, a sensação e vazio ainda existia, a lacuna, o sentimento de incompletude próprio do exilado persistia. A angústia que só seria extinta no retorno ao exílio, ao paraíso às avessas: *Jesusalém*.

Depois de lutar tanto para sair do exílio, Manito descobriu que não era feliz no “lado de lá”. O personagem não conseguiu se adequar às práticas sociais. Todas as referências que Mwanito tinha estavam em Jesusalém. Mwanito sentia angústia por ter deixado a pátria mãe. Esta angústia se tornava mais intensa porque o personagem não conseguia ser aceito pela sua pátria, depois que saiu do exílio. Ele queria explicar, falar, provar o que houve mas também não conseguia. A contradição vivida por Mwanito, característica do exilado, reflete a postura do homem pós-colonial que vive em transição e também não consegue se libertar. Mwanito só era feliz em Jesusalém, lá ele se encontrava, lá ele não era mais um como na escola da cidade, lá ele era o afinador de silêncios.

REFERÊNCIAS

AFONSO, Maria Fernanda. **O conto moçambicano**. Escritas pós-coloniais. Col. Estudos Africanos. Editorial Caminho. S/A, Lisboa, 2004.

ALMEIDA FILHO, Leonardo. **Graciliano Ramos e o mundo interior:** o desvão imenso do espírito.Brasília: Editora UNB, 2008.

ARISTÓTELES. **Da memoria et reminiscentia**. 449,p.31. (traduzido para o inglês como um dos Parva Naturalia, por W.S.Hett)

ASSIS, Machado. **Memorial de Aires.** Rio de Janeiro: Editora Garnier, 1988.

_____. **Memórias póstumas de Brás Cubas.** Rio de Janeiro: Editora Garnier, 1997.

_____. **Dom Casmurro.** Rio de Janeiro: Editora Garnier, 1992.

ARMSTRONG, Karen. **Jerusalém, uma cidade, três religiões**. Tradução: HildegarFeist. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BAUMAN, Zygmunt. **A arte da vida**. Trad. de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

_____. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual.** Trad. de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. **Vida líquida**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BHABHA, HomiK..**O Local da Cultura.** Belo Horizonte: UFMG, 2005.

BÍBLIA SAGRADA. São Paulo: King's Cross Publicações.Tradução de João Ferreira de Almeida, 2006.

BÍBLIA SAGRADA. São Paulo: King's Cross Publicações.Tradução de João Ferreira de Almeida, 2006.

BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário**. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

CAMUS, Albert. **O Estrangeiro.** São Paulo: Record, 1942.

CANDAÜ, Joël. **Identidade e Memória**. Trad. Maria Letícia Ferreira. 1. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012.

CARDOSO, Sérgio. *O olhar do viajante*. (do etnólogo). In: **O olhar**. São Paulo: Cia das Letras, 1988, p.347-360.

CAVACAS, Fernanda. *O desejo de esquecer.* In: CARAVACAS, Fernanda et all. **Mia Couto: um convite à diferença**. São Paulo: Humanitas, 2013.

CHABAL, Patrick. **Vozes moçambicanas**. Literatura e nacionalidade. Lisboa: Vega, 1994.

CANDIDO, Antonio. **Ficção e Confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos.** 3 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

COUTO, Mia. **Raiz de Orvalho e Outros Poemas.** Salvador: Caminho, 1999.

COUTO, Mia. **Antes de Nascer o Mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. **O fio das missangas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. **Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. **Terra Sonâmbula**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Conferências Introdutórias Sobre Psicanálise (Conferências I e II e de XVI a XXVIII) Sigmund Freud. Tradução original revista por Verlaine Freitas.

DUARTE, Zuleide. *A experiência do exílio na obra de Inácio Rebelo de Andrade.* In: DUARTE, Zuleide. **África de Áfricas**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2012.

EAGLETON, Terry. **A ideologia da Estética**. Oxford, Inglaterra Copyright © 1990. Copyright da edição em língua portuguesa © 1993: Jorge Zahar Editor Ltda.

FONSECA, Maria Nazareth Soares; CURY, Maria Zilda Ferreira. **Mia Couto:espaços ficcionais**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

GINZBURG, Jaime. *O passado das Américas e seusvestígios*. In: BERND, Zilá. **Por uma estética de vestígios memoriais: releituras da literatura contemporânea das Américas a partir dos rastros**. 1 ed. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2013.

HALBWACHS, M. **A Memória coletiva***.* Trad. de Laurent Léon Schaffter. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais, 1990. Tradução de: La mémoirecollective.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.

_____. **Da diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Org. Liv Sovik. Tradução: Adelaine La Guardia Resende. Col. Humanitas. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

KHOSA, Ungulani Ba Ka. *Jesusalém: A viagem interior de Mia Couto.* In: CAVACAS, Fernanda et all. **Mia Couto: um convite à diferença**. São Paulo: Humanitas, 2013.

KRISTEVA, Julia. **Estrangeiros para nós mesmos.** Tradução Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LARANJEIRA, Pires. **De letra em riste. Identidade, autonomia e outras questões na literatura de Angola, Cabo Verde, Moçambique e São Tomé e Príncipe.** Porto: Edições Afrontamento, 1992.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução: Bernardo Leitão. 4 ed. São Paulo: Editora da Unicamp, 2010.

LIMA, Conceição. **O útero da casa**. Lisboa: Editora Caminho, 2004.

OLIVEIRA NETO, Pedro Fernandes. *Dossiê Mia Couto:* O espaço da interdição em *O fio das missangas*, de Mia Couto. In: **Revista Nau Literária:crítica e teoria de literaturas.** seer.ufrgs.br/NauLiteraria. PPG-LET-UFRGS. Porto Alegre. Vol. 07 N. 02. jul/dez 2011. Disponível em: *seer.ufrgs.br/ NauLiteraria/article/download/20622/14059*

PALESTRA: Antes de Nascer o Mundo - Mia Couto. Livraria Cultura 25/06/2009. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=MLq29FFC-2o.

PRADO, Ricardo. *Revista Carta na Escola*, n. 50, out. 2010. Disponível em: http://www.cartacapital.com.br/educacao/ personagem-em-busca-de-um-autor

QUEIROZ, Maria José de. **Os males da ausência, ou a literatura do exílio**. Rio de Janeiro: Toopbooks, 1998.

RAMOS, Graciliano. **Angústia**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2011.

_____. **Infância.** Rio de Janeiro: Editora Record, 2006.

_____. **Memórias do Cárcere**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2008.

SAID, Edward W. *Reflexões sobre o exílio***.** In: **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios.** Trad.Pedro Maia. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. **Cultura e Imperialismo**. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

SARLO, Beatriz. **Una modernidad periférica:** Buenos Aires 1920 y 1930. Bueno Aires: Nueva Visión, 1988.

_____. **Tempo Presente:** notas sobre a mudança de uma cultura. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

SECCO, Carmen Lucia Tindó Ribeiro. *A Varanda do Frangipani: entrelugar de mitos, sonhos, memórias.* In: CAVACAS, Fernanda et all. **Mia Couto: um convite à diferença.** São Paulo: Humanitas, 2013.

SELIGMANN-SILVA, Márcio (org). **Catástrofe e representação.** São Paulo: Escuta, 2000.

_____. **História, Memória e Literatura:** O testemunho na era das catástrofes. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 2003.

_____. (org). **Palavra e imagem, memória e escritura.** Chapecó: Argos, 2006.

WEINRICK, Harald. **Lete - arte e crítica do esquecimento**. Tradução Lya Luft. São Paulo: Editora Civilização Brasileira, 2001.